

**HAYANA MICHELEY TUREK MACHADO**

GRR20157760

**A educação anarquista inter-relacionada ao rap, o hip hop e ao punk:  
pesquisa de campo realizada na cidade de Almirante Tamandaré com  
os grupos locais**

Monografia apresentada à disciplina OA027-  
Trabalho de Conclusão de Curso como requisito  
parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em  
Música - Departamento de Artes, Setor de Artes,  
Comunicação e Design da Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Indionei C. Rodrigues

CURITIBA  
2019

**HAYANA MICHELEY TUREK MACHADO**

GRR20157760

**A educação anarquista inter-relacionada ao rap, o hip hop e ao punk:  
pesquisa de campo realizada na cidade de Almirante Tamandaré com  
os grupos locais**

Monografia apresentada à disciplina OA027-  
Trabalho de Conclusão de Curso como requisito  
parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em  
Música - Departamento de Artes, Setor de Artes,  
Comunicação e Design da Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Indionei C. Rodrigues

CURITIBA  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às energias vitais e universais por terem me mantido resistente durante este projeto de pesquisa com desafios em que pude suportar adversidades de saúde.

Agradeço a Universidade Federal do Paraná e a todos os professores e funcionários do departamento do meu curso, pela qualidade de ensino e permanência.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador, professor Dr. Indioneu Carneiro Rodrigues pelo incentivo e pelo engajamento ao meu projeto de pesquisa. Sou grata pela disponibilidade de tempo para às orientações e por me auxiliar a criar uma intensa paixão pela composição musical, agradeço pela dedicação e postura ética em seus ensinamentos. Jamais esquecerei.

Agradeço ao professor Dr. Álvaro L. R. S. Carlini pelo constante apoio durante minha graduação, conversas e inúmeros incentivos que me mantiveram firme até o fim. Diversos foram os ‘puxões de orelha’, um incentivo que de alguma forma me fez criar uma afetividade pela investigação científica responsável, atenta aos detalhes que constroem a trilha de uma pesquisa minuciosa. Fora de extrema importância foram teus ensinamentos metodológicos.

Agradeço a Pedro Augusto Pereira Gonçalves, pelas experiências de educação que pude vivenciar em Almirante Tamandaré. Foi uma enorme satisfação debater e construir novas formas de pensar educação junto de toda equipe da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Almirante Tamandaré.

Agradeço a toda equipe e funcionários do Centro Cultural Teatro Guaíra, em que pude ter contato com um universo musical nunca antes imaginado por mim, caminhar pelas entranhas desse curioso teatro que vibra arte foi especial. Agradeço às manhãs regadas do som orquestral, um expansivo incentivo aos meus ouvidos. Em especial a César Dias Palma, Levi João da Silva, Shirley Conceição e a Valéria Bonilauri Xavier, os quais foram grandes mentores para mim.

Sou grata por minha mãe Ana Maria Turek, que foi uma pessoa determinante para minha formação, não me restando dúvida de que a maternidade não lhe foi apenas uma escolha, mas uma responsabilidade que abraçou com muito carinho. Agradeço por se manter firme mesmo diante das condições desafiadoras em que se encontrou ‘junto’ de mim. Você acreditou que a música não era uma pequena parte de mim.

Agradeço ao meu pai Michael George Machado, quem me mostrou o que era o rap por volta de 2008. Uma memória que guardei com muito carinho e foi essencial para que durante minhas indagações para realizar esse trabalho, eu construísse uma base para meus devaneios filosóficos. Além disso, agradeço por junto de meus avós, tios, tias, primos e primas que abriram as portas de um mundo musical e multicultural para mim.

Agradeço aos meus avós pelos ensinamentos ancestrais, Nair Turek (RIP), Gregório Turek (RIP), Iraci Moretto e Jorge L. P. Machado.

Agradeço a existência de minhas irmãs, Anny G. Proctor e Érica R. Machado. Ainda nesta vida quero descobrir o que essa conexão nos representa em vida terrena.

Agradeço a Lucas D'Almeida Carvalho e 'Pepo', amigos e parcerias que me fizeram acreditar nos meus primeiros passos na universidade. Os ensinamentos de música, as práticas e conjunto e todo apoio foram essenciais para que eu me mantivesse ainda mais segura de minha formação.

Agradeço a 'Prego Dartagnan', meu querido primo. Foi importantíssimo ter lhe encontrado durante minha jornada universitária, fora uma grande inspiração para que eu acreditasse ainda mais no que faço e na arte de rua independente. Nossa conexão é especial.

Agradeço em especial a minha grande amiga Mayumi Passos, em que tive uma irmã de coração durante esses anos de universidade. Uma grande guerreira, quem me ensinou muito e esteve presente nos momentos mais desafiadores deste percurso.

Agradeço ao meu grande amigo Raul Santos, uma amizade em que mantenho laços de cumplicidade, transparência e conexão. Agradeço nossas conversas de muito alto astral.

Em especial agradeço a 'Valo Velho', um expoente do movimento anarcho-punk brasileiro, que tenho a honra de manter contato. Agradeço por nosso inesperado encontro o qual nunca vou esquecer. Sou grata por ter me mostrado o Capão Redondo, sua história e sua *squat*, em que pudemos criar, produzir e discutir tudo sobre tudo. Estar junto de ti me deu mais uma vez a certeza da contracultura punk em minha vida. Somos companheiros da luta anarcho-punk.

Agradeço as pessoas que mantêm contato, relações de trabalho, colegas de universidade e familiares e demais amigos. Mesmo que não estejam nomeados, sintam-se reconhecidos e considerados.

Agradeço ao movimento hip hop e as inúmeras letras de rap que me politizaram durante esses anos em contato com a contracultura. Eterno respeito à resistência e luta dos povos negros.

Agradeço ao movimento punk e a todos os cosmopolitas em que tomei contato durante minha vida. Foram importantes pessoas para meu crescimento pessoal e o aprendizado de apoio mútuo, mesmo nas situações mais turbulentas.

Fala-se do movimento anarcho-punk como um tipo de punk ultraintelectual e prodígio em ações políticossociais e socioculturais e esquece-se de dizer que este movimento foi antes de tudo criado por trabalhadores do terceiro mundo que buscavam mudar a situação de vida do povo acima de qualquer estilo de música.

*Valo Velho – My way: A periferia de moicano*

## RESUMO

O presente trabalho aborda uma das linguagens da cultura hip hop, o rap (ritmo e poesia), expressão musical cantada e rimada. A pesquisa estabelece as bases do seguinte problema: poderia o rap, como manifestação artística poética e musical, servir como ferramenta para aplicação dos quatro princípios da teoria educacional anarquista, especialmente no que toca à alfabetização, letramento e musicalização? Responder tais questionamentos transpassa em refletir sob a perspectiva das multirrealidades culturais, políticas, sociais e econômicas brasileiras. Enquanto objetivo geral, o trabalho almeja exemplificar o rap como ferramenta de auxílio para alfabetização, letramento e educação musical de jovens e adultos, consonante à bibliografia consultada. Como objetivo específico, este trabalho pretende comprovar os princípios da teoria e ação educacional anarquista. A partir da revisão da bibliografia relacionada à educação anarquista a ação foi desenvolvida em módulos. A ação descreve educandos que tiveram vivências em educação musical, sob a perspectiva anarquista em que foi observado, registrado e contribuído com a articulação cultural dos *hip hoppers* do município de Almirante Tamandaré/PR. Posteriormente, foi produzido um documentário inter-relacionando a contracultura hip hop e a contracultura punk.

**Palavras-chave:** rap; hip hop; educação anarquista; educação musical; contracultura; punk.

## ABSTRACT

The present work approaches one of the languages of hip hop culture, aka rap (rhythm and poetry), song and rimed musical expression. The research states the bases for the following problem: would rap, as a poetical, artiscal and musical expression, be useful as a tool for the appliance of the four principals of teory and action of anarchist education, specially for lettering and musicalization? Answering such questions implies into reflecting about the perspective of brazilian multiple realities cultural, political, social, and economical. As general goal, the work aims to exemplify rap as a helping tool to lettering and musical education for youngsters and adults, consonant to the bibliografical references. As specifically goal, this work intend to affirm principals of teory and action of anarchist education. From the review of the given bibliografy as relate to anarchist education, the action was developed in moduls. The action describes students who had living experiences in musical education, under anachist perspective and was recorded and also contributed with cultural articulation from *hip hoppers* from Almirante Tamandaré/PR county. Later, a documentary concerning the relation between hip hop and punk-rock contraculture.

**Palavras-chave:** rap; hip hop; anarchist education; musical education; contraculture; punk.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>1. A EDUCAÇÃO ANARQUISTA</b>	
1.1 Anarquias e anarquismos: contextualizando o ideal	04
1.2 A educação integral e o anarquismo	12
1.3 Escolas e comunidades anarquistas: experiências e legados	15
1.4 As escolas modernas e autogestionadas brasileiras	23
<b>2. CONTRACULTURA, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO: O HIP HOP, O RAP E AO MOVIMENTO PUNK</b>	28
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	46
<b>4. REFERÊNCIAS</b>	48
<b>5. ANEXOS</b>	50

# INTRODUÇÃO

Ao andarmos pelas ruas buscando a visão ampliada deste espaço em que horas fazemos parte e outras não, a arte é algo sempre presente e sólido. As ruas e espaços públicos preenchidos com teatros itinerantes; batalhas de rap; performances; instrumentistas; *hip hoppers*; artistas circenses; punks; artistas compartilhando suas apresentações em semáforos, ruas e praças; (e) (i)migrantes; estudantes; trabalhadores, crianças; idosos e moradores de rua. Em meio à multi-culturas cosmopolitas há esta aspiração de convidar os cidadãos à reflexão, ao estranhamento, ao encantamento e a arte de compartilhar.

A observação de batalhas de rap e rodas de poesia me demonstraram tamanha importância de exaltação, em vista da diversidade poética, artística, étnica, política e do exercício constante de cidadania em espaços públicos. Em tantas vivências, o rap me evidenciou ser uma das ferramentas que abre as trancas para indivíduos conscientes e expressivos de sua própria liberdade de expressão.

A existência de uma problemática consistente me encaminhou à reflexão de que este exercício sociopolítico e cultural deve ser uma construção coletiva. Diante disto, penso que a arte de brincar com as palavras e transformá-las em música, não poderiam ser apenas um artifício do mercado da música e sim exprimir em palavras tantos patrimônios imateriais das comunidades estrangeiras, latinas e imigrantes. Conectando as habilidades colaborativas a partir da acessibilidade das ferramentas de trabalho, isso seria possível.

Ao conhecer um pouco melhor das comunidades de Curitiba, percebi a existência de muitas organizações autônomas mobilizadas a proporcionar e a criar conhecimento. Diante destas observações, o rap me demonstrou ser uma ferramenta capaz de alfabetizar, letrar e musicalizar jovens e adultos em busca do aprendizado autônomo. Um desafio: utilizar o rap como uma ferramenta que nasce nas encostas urbanas e volta para ela transformada na arte de difundir conhecimento.

Durante a seleção dos autores (as) que nortearam a bibliografia desta monografia, preocupei-me em resgatar uma educação que foi censurada e discutida de forma equívoca, a educação anarquista. A partir deste resgate estabeleci um diálogo entre as Internacionais, a educação anarquista e as demais experiências reais de escolas e espaços educacionais tendo em perspectiva a liberdade.

Alguns nomes como Bakunin, Emma Goldman, Ferrer y Guardiá, Hebert Read, Paul Robin, Piotr Kropotkin, Proudhon, Sébastien Faure, Max Stirner, Maria Lacerda de Moura, etc.

nortearão os diálogos referentes ao anarquismo a partir de seus textos e de releituras contemporâneas.

Nos diálogos sobre hip hop e educação, foram utilizados os textos de Elaine Nunes de Andrade, a coletânea de Derrick Darby e Tommie Shelby, Jaisson Hinkel, Roserverck E. Santos Stênio R. B. Gomes, Milton T. Novaes e Wivian Weller.

O método utilizado nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica dos citados autores (as) e uma ação utilizando o rap como ferramenta de alfabetização, letramento e musicalização de jovens e adultos, buscando comprovar os quatro princípios da ação e educação anarquista, observados por Silvio Gallo: a ação direta, o intercionalismo, a autogestão e a autonomia individual no município de Almirante Tamandaré, localizado na região metropolitana de Curitiba/PR, junto de uma batalha de rimas da região do bairro Cachoeira.

O primeiro capítulo aborda um pequeno recorte histórico da educação anarquista em suas raízes e contemporaneidade, experiências consolidadas pelos povos latinos e nas diversas discussões anarquistas que ocorreram durante o período de 1864-1940 no Ocidente e na América Latina. Neste capítulo, será desenvolvido um panorama histórico sucinto do anarquismo.

O segundo capítulo discorre a bibliografia consultada a respeito do hip hop e o movimento punk. Ao analisar de que maneira esses movimentos que surgem em grandes centros urbanos, tornam-se parte de uma educação que busca a liberdade coletiva e traz a tona esta busca incansável dos anarquistas. Neste capítulo, foi realizada a correlação entre o hip hop o movimento punk, a contracultura e a recontextualização da história dos povos afrodescendentes.

O desenvolvimento desta ação contemplou como método de pesquisa: entrevista semiestruturada, oficinas de produção musical, prática em conjunto, rodas de conversa, eventos culturais e a gravação de um documentário de participantes do movimento hip hop em Almirante Tamandaré/PR inter-relacionando-os à contracultura punk.

Compreendendo que esta pesquisa monográfica foi apenas o início de uma temática e uma análise bastante contemporânea que demonstrou ter caráter de transformar concepções educacionais, que antes compreendidos como utópicas, resistem buscando a observação atenta e a concretização de ações que estejam consonantes às demandas de cada indivíduo em que suas particularidades são respeitadas e em sua índole como cidadãos que juntos são capazes de por em prática alçares de uma nova organização, a comunitária...

Enquanto método de pesquisa foi optado pela revisão bibliográfica e em anexo a descrição da pesquisa-ação realizada com o grupo de batalhas de rima do bairro Cachoeira, do município de Almirante Tamandaré-PR, bem como as entrevistas realizadas com os punks

em Curitiba/PR e a experiência de inserção na periferia de Capão Redondo, extremo sul de São Paulo capital. Reservado a pesquisa-ação, foram propostas oficinas de produção musical visando à comprovação dos quatro princípios da teoria-ação educacional anarquista: a ação direta, a autogestão social, a autonomia individual e o internacionalismo.

Como metodologia, os procedimentos científicos do anarquismo epistemológico da obra *Contra Método* de Paul Karl Feyerabend foram utilizados. Sendo alguns os princípios desta teoria: a violação de regras metodológicas, ou seja, a exclusão de uma pré-definição sequencial metodológica e a não avaliação entre certo e errado durante processo de análise científica; a abertura de espaço para novas hipóteses em que estas entram em conflito com as observações coletadas e a abertura para que os indivíduos da sociedade opinem sobre os rumos investigativos científicos.

É importante não analisar os dados coletados a uma teoria ou metodologia restrita à individualidade do objeto de estudo, mas manter constante relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca. É importante destacar que “os anarquistas profissionais se opõem a qualquer tipo de restrição e exigem que ao indivíduo seja permitido desenvolver-se livremente, desembaraçado de leis, deveres e obrigações” (FEYERABEND, 1977, p. 22).

A autora Anna Regner aponta que "Feyerabend propõe que se proceda como um antropólogo ao estudar a cosmologia de uma tribo: aprende sua linguagem e informa-se dos seus hábitos sociais básicos; investiga as relações desses com outras atividades, mesmo que as pareçam irrelevantes; procura identificar as ideias-chave e, então, entendê-las, interiorizando-as, sem buscar 'traduções' prematuras, completando seu estudo com o conhecimento da sociedade nativa e de seu próprio desenvolvimento pessoal" (1996, p. 73).

Este apontamento se assemelha ao procedimento científico desta pesquisa, que prezou pela inserção nos grupos citados, analisando seus apontamentos e os relacionando a bibliografia consultada. No que confere às linguagens dos *hip hoppers* e punks, sua produção contracultural, opiniões, forma organizacional e demais itens analisados.

Durante as oficinas de produção musical não houve datas, horários fixos e nem mesmo a obrigação de produção de material para entrega. A análise dos dados coletados foi feita a partir dos quatro conceitos da teoria-ação embasados no princípio de que ‘tudo-vale’ de Paul Feyerabend. A análise dos indivíduos foi em sua individualidade, preservando sua autonomia e em coletivo às suas batalhas de rima, rodas de conversa e às demais experiências vivenciadas, tendo como foco sua autogestão social.

Para coleta de dados, foi elaborada uma série de entrevistas semiestruturadas que não são citadas integralmente, resultando na criação de um documentário inter-relacionando-o a contracultura hip hop à contracultura punk, disponível em anexo deste trabalho.

Nestas entrevistas semiestruturadas, abordei as seguintes perguntas: I. O que é contracultura?; II. O que é ser punk ou *rapper*/MC/DJ; III. O que é musica; IV. Apontamentos sobre ser mulher inserida nestes grupos.; e por último solicitei que fossem deixados recados de livre expressão e percepção. Em toda a estrutura do documentário, foi prezado pela liberdade argumentativa e de expressão dos indivíduos. sobre ser mulher inserida nestes grupos; por último solicitei que fossem deixados recados de livre expressão e percepção. Em toda a estrutura do documentário, foi prezado pela liberdade argumentativa e de expressão dos indivíduos.

Foi considerado importante não direcionar conteúdos e falas que pudessem revelar algum tipo de intenção ou expectativa. Ambos os grupos contraculturais, tiveram contato com as entrevistas opostas e ao assistirem as entrevistas dos grupos em que os mesmos não pertenciam (*punk's/hip hoppers*) os indivíduos perceberam que suas falas eram semelhantes em muitos sentidos e de que apenas a produção musical e artística se diferia.

Entre o grupo hip hop e punk foi mantida a responsabilidade do encaminhamento de discussões politizadas dos aspectos de cada uma das contraculturas, sob o firmamento de compartilhamento de leituras, produção de material audiovisual e fonográfico, construção de novas percepções coletivas, debates e demais atividades.

# 1. A EDUCAÇÃO ANARQUISTA

## 1.1 Anarquias e anarquismos: esclarecendo o ideal

É comum que diante destas duas terminologias acabemos por encontrar equívocos em sua tradução e interpretação em registros históricos, fontes de pesquisa, dicionários e até mesmo no senso comum. No decorrer da linha do tempo histórica, essas palavras remontam em síntese apenas guerras e revoltas armadas mundiais. Para compreensão do que se trata o anarquismo, a retratação histórica de alguns momentos marcantes da construção do ideal, são necessárias. Diante disso, para contextualização do ideal anarquista, um breve panorama de seu histórico mundial será exposto a seguir.

Deste modo, ao se consultar o dicionário, definições distintas são encontradas: “a.nar.qui.a (gr. *Anarkhía*) *sf* 1. Estado de um povo em que o poder público, ou de governo, tenha desaparecido. 2. Negação do princípio de autoridade. 3. Confusão, desordem” (MICHAELIS, 2008, p. 54), e “a.nar.quis.mo (anarquia+ismo) *sm* 1. Doutrina política que preconiza a abolição total do Estado e de toda autoridade, esperando eliminar as injustiças sociais e garantir a felicidade dos cidadãos 2. Ação ou movimento anarquista” (MICHAELIS, 2008, p. 54). Diferentemente do senso comum, a anarquia e o anarquismo não são essencialmente organizações estritamente ligadas às revoltas armadas da do fim do século XVIII ao XXI.

No ideal anarquista não se perpetuam relações de poder e hierarquias, mas ainda assim é necessário haver a articulação de seus elementos, de forma horizontal “sua função é fortalecer o protagonismo desses movimentos, já que as massas, no projeto anarquista, devem ser as responsáveis pela transformação social revolucionária” (CORRÊA, 2015, p. 10). Em questões organizacionais, o autor aponta que:

Em primeiro lugar, a organização política anarquista possui democracia interna e as decisões são tomadas de baixo para cima. São seus organismos de base, ou mesmo os próprios militantes da base, que discutem e resolvem todas as questões na organização, visto que não há hierarquia entre os membros e nem a cisão direção-base (2015, p. 9).

É nítida a vastidão de informações cronológicas que remontam o anarquismo, a confusão, conforme retrata George Woodcock, seria devido o reaparecimento destas discussões somente na era moderna a respeito do ideal anarquista:

Sua excentricidade, que combinava uma visão moral com uma crítica radical à sociedade, só começaria a aparecer de forma perceptível depois do colapso da ordem medieval. Esse colapso daria origem, por um lado, ao aparecimento do nacionalismo e do Estado centralizado moderno e, por outro, ao surgimento de uma tendência revolucionária que muito cedo começou a desenvolver correntes libertárias e autoritárias que amadureceriam no século XIX durante os conflitos entre marxismo e anarquismo (2007, p. 41).

Não é de se estranhar que os primeiros conflitos armados, intensificados após as reuniões efervescentes da I Internacional de 1864, em Londres, em que os anarquistas, organizados em distintas correntes de pensamento de individualistas, comunistas-libertários e mutualistas<sup>1</sup>, tenham se impulsionado. Os que se consideravam anarquistas, em si já eram movidos ao instinto próprio da ação. É interessante observar que o anarquismo não nasce, mas se organiza nessas reuniões.

O anarquista mais citado nesta história difundida do anarquismo, Michael Alexandrovich Bakunin, foi incitado por Karl Marx para que participasse da Internacional, mas em primeiro momento Bakunin recusa o convite e prefere se dedicar a sua própria organização secreta, que mais tarde viria a compor as reuniões da Internacional. Nas primeiras aspirações destas reuniões, Bakunin sublinha

como poderá uma sociedade igualitária e livre surgir de uma organização autoritária? É impossível. A Internacional, embrião da futura sociedade humana, deve ser desde agora, a imagem fiel de nossos princípios de liberdade e de federação repelir de seu seio qualquer princípio que tenda para o autoritarismo e a ditadura (2010, pg. 98).

São inúmeras as reuniões socialistas que procederam as Internacionais, em diferentes países desde a primeira, realizada em 1864. Sua teoria e ação para reorganização social “dedicou-se, em nível local, por meio de suas seções, às articulações de trabalhadores e, internacionalmente, ao estabelecimento de suas bases de acordo. Realizou, inicialmente, congressos anuais, a partir de 1866” (CORRÊA, 2015, p. 263).

A Internacional manteve sua responsabilidade enquanto tentativa do agrupamento de indivíduos que visavam à transformação da sociedade Ocidental, em que os anarquistas destacavam a importância da criação de discussões antiautoritárias para retomada do poder pela comunidade.

Nas primeiras reuniões da Internacional, os anarquistas se diferenciam em seus ideais, por acreditarem que não seria possível libertar a classe trabalhadora enquanto estas exercessem uma figuração autoritária sob os próprios dirigentes destes debates, o que

---

<sup>1</sup> “O **mutualismo** inspirado no que deixou escrito o francês Pierre-Joseph Proudhon no século passado; o **coletivismo** bakuninista; que como diz o nome foi propagandeado por Michail Bakunin; o **anarco-comunismo** impulsionado por P. Kropotkin; o **anarco-sindicalismo** criado na França e desenvolvido posteriormente na Europa e nas Américas e, finalmente, o **individualismo** anarquista que desembocou na violência de cunho político” *O que é o anarquismo?* – Caio Túlio Costa (p. 7-8).

influenciaria mais tarde em congressos a parte das Internacionais. Acerca do tema, Felipe Corrêa afirmou que

[...] o anarquismo foi um tipo de socialismo libertário que nasceu no movimento da classe trabalhadora, durante a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1877), um organismo cujas bases encontravam-se principalmente na Europa e, em menor grau, na América Latina, mas que contava também com seções em outras localidades, incluindo o norte da África e o centro da Ásia, assim como a América do Norte. Esta coalizção, verdadeiramente internacional e intercionalista, de grupos políticos, clubes de discussão, cooperativas e sindicatos, foram marcadas por impetuosos debates conforme a crescente classe trabalhadora passou a exercer de novo poder. Tais debates, entre blanquistas, marxistas e anarquistas, terminam sendo personificados no conflito de Marx e Bakunin (2015, p. 20).

Ao se deparar com o conflito que popularmente marca as Internacionais, houve essa personificação das divergências ideológicas, atribuídas a Bakunin e Marx. Esses idealitários marcam a ebulição dos ideais contextualizados em períodos de greves, ditaduras, tribunais e revoluções.

Foi devido às divergências ideológicas que mais tarde, Bakunin articulou congressos e reuniões em Genebra, de sociedades secretas antiautoritárias, que se contrapõem a esses conflitos ideológicos já retratados. Bakunin<sup>2</sup>, em sua infância demonstrava ser um pensador importante para o século em que viveu até a chegada de seu pensamento ao contemporâneo século XXI.

Ao compreender estas inúmeras divergências retratadas nas Internacionais aos ideais, teorias, propaganda e ação os trabalhadores que compunham a primeira Internacional chegaram à convicção de que:

a conclusão lógica que se segue é que os órgãos atuais que unem os sindicatos locais numa federação sindical regional ou união, serão amanhã os órgãos naturais da administração e da gestão das novas formas de produção de consumo e da vida social (COSTA, 2008, p.40).

Estes trabalhadores além de comporem as Internacionais, articularam-se e de acordo com Caio Costa “de 1881 até o final do século os libertários abandonaram a ideia de que movimentos massivos dos grupos secretos de ativistas, inaugurando pequenos grupos de ‘ação direta’<sup>3</sup> que promoveram atentados ou insurreições (1984, p. 79)

<sup>2</sup> Não obstante, publicou jornais, articulou palestras, aspirou à filosofia dedicando parte de seus estudos ao filósofo Hegel. “Este pensador, também assumia um pensamento divergente a produção de conhecimento, pois considerava o conhecimento científico uma arma na transformação social, porém esta não poderia ser dirigida por uma academia de cientistas. Apontava o risco de um despotismo científico que poderia tornar-se a mais degradante forma de opressão imposta à sociedade” (NORTE, p. 55, 1988).

<sup>3</sup> A ação direta é um ato de transformação política, pois ele é uma manifestação do conceito de autonomia coletiva. A ação direta dá poder para aqueles que tomam parte nela em organização horizontal e da ação política sem a necessidade de partidos e outras instituições, se criam as bases da transformação social. Acesso em: <https://medium.com/acracia/o-que-%C3%A9-a-%C3%A7%C3%A3o-direta-29172ae16410>.

Em paralelo às participações a primeira Internacional de 1864, Bakunin em 1866 “fundou também a Aliança Internacional de Democracia Socialista com o objetivo de com ela atuar exatamente dentro da I Internacional, mais tarde guiada, sem dúvida, pela Fraternidade Internacional” (COSTA, 1984, p. 46-47). Estas organizações corroboram ao ideal anarquista organizado sob os princípios socialistas, internacionalistas, federalistas e libertários.

Mais tarde, conseqüentes da primeira Internacional e das demais organizações que compuseram congressos, internacionais e demais organizações das Américas, Espanha, França e a Rússia. É possível perceber maneiras organizacionais distintas, mas cenários semelhantes da pré e pós-revolução, “num primeiro momento, a Internacional dedicou-se, em nível local, por meio de suas seções, às articulações de trabalhadores e, internacionalmente, ao estabelecimento de suas bases de acordo. Realizou, inicialmente, congressos anuais, a partir de 1866” (CORRÊA, 2015, p. 263).

Procedente a essas discussões, nas próximas Internacionais de 1864 até 1939, é observado posteriormente por George Woodcock que

o relativo êxito e a conseqüente durabilidade da segunda Associação Internacional de Trabalhadores não é, portanto, nenhum verdadeiro triunfo do anarquismo, mas, antes, um exemplo de uma época em que alguns anarquistas aprenderam a transigir profundamente com as condições reais de um mundo pré-anarquista (2014, p. 45).

Em breve panorama histórico dos países que também tiveram intensos debates do pensamento anarquista em que existiram muitas mortes e exílios, George Woodcock acrescenta que na França

o anarquismo, enquanto doutrina de profundidade quase espiritual, cativou também a imaginação de poetas e pintores, a tal ponto que suas ligações com o Simbolismo e o Pós-Impressionismo constituem um dos mais interessantes aspectos daquele mundo fim de século, no qual ele alcançou apogeu fecundo e excepcional (2014, p. 46).

Na Espanha, houve a adesão de muitos operários das fábricas de Barcelona e da população pobre ao ideal anarquista. Estes completamente impulsionados a atos violentos contra o Estado. O autor George Woodcock sublinha que “o verdadeiro começo do movimento anarquista na Espanha foi motivado pela Revolução de setembro de 1868, que levou a rainha Isabel ao exílio” (WOODCOCK, 2014, p. 105).

A Rússia<sup>4</sup> presenciou violentas perseguições aos movimentos anarquistas e libertários, exílios e conflitos armados. Nesse país, muitas pessoas foram presas e mortas.

---

<sup>4</sup> Kronstadt se transformou durante o governo de Trotsky um calabouço de perseguição dos ditos antiautoritários. Inutilmente as tentativas de Alexandr Berkman, Emma Goldman e outros anarquistas foram duramente criticados ao tentar mediar o conflito entre o povo e os governantes. *O que é o anarquismo?* – Caio Túlio Costa (p. 97-98).

Durante todas as movimentações de guerra, greves e de extrema pobreza é possível observar que no período das Internacionais, greve dos proletários<sup>5</sup>, revolta czarista<sup>6</sup> e até o fim da Segunda Guerra Mundial, incessantes conflitos aconteceram.

Em conflitos intermináveis com os soviéticos, que oprimiram violentamente adeptos e simpatizantes do anarquismo organizados nas cidades e nos campos. Nas comunidades campesinatas “até pelo menos 1919 a Ucrânia foi capaz de viver o comunismo-libertário. Os camponeses cultivaram as terras tomadas e se agruparam em comunas livres. Todos deviam trabalhar: homem, mulher ou criança” (COSTA, 1984, p. 94-95).

Não é surpreendente, portanto, que a despeito do instinto anarquista das massas trabalhadoras russas, os partidos políticos tenham conseguido assumir o controle dos soviets e dos sindicatos recém-criados na sequência e deles expulsar os anarquistas. Com isso, os partidos impediam a revolução em um sentido libertário e transformaram-na numa revolução quase que puramente política (NETO, 2008, p. 69).

Nos Estados Unidos da América, influenciado pelas imigrações e pela própria colonização do país, George Woodcock sublinha que

o anarquismo americano tem uma dupla tradição - nativa e imigrante. A tradição nativa, cujas raízes remontam aos primeiros anos do século XIX, era fortemente individualista. A tradição imigrante, que começa entre os socialistas revolucionários alemães dos últimos anos da década de 1870, foi primeiro coletivista e, depois, anarco-comunista<sup>7</sup> (2014, p. 240).

Na América Latina, o México em meio a grandes revoltas, revoluções e organizações federalistas e sindicais também compõe histórico relevante, George Woodcock descreve que neste país “o anarquismo parece ter sido uma consequência lógica de uma história caótica, de uma terra dramática, dividida e de um regionalismo tão arraigado quanto o espanhol” (WOODCOCK, 2014, p. 212).

Em trecho da música da *Aparato Militar*, do conjunto Insurreição “Armas pra matar e para destruir a terra/ Bomba Nuclear destrói e dilacera/ Criado em prol do estado, o aparato militar/ Usando Violência eles querem nos calar/ Existe uma barreira que separa a humanidade/Feita com ganância que gera guerras e desigualdade” (GANZ, 2019).

---

<sup>5</sup> Durante a greve geral de 1917, os operários lutavam por melhores salários, jornada de trabalho de oito horas, direito a férias, fim do trabalho infantil, proibição do trabalho noturno para as mulheres, aposentadoria e assistência médica. A Legislação trabalhista somente foi implantada no Brasil no ano de 1943.

Acesso em: [mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/greves-operarias-na-primeira-republica.htm](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/greves-operarias-na-primeira-republica.htm)

<sup>6</sup> Em meados de 1880, os intelectuais passaram a se comunicar com o proletariado russo e ideias socialistas, anarquistas e marxistas foram disseminadas entre os operários. Com novos horizontes, a partir dos ideais difundidos entre os trabalhadores, a insatisfação causada pela opressão, às más condições de vida e a exploração de mão de obra, foi dado início a uma série de greves para sinalizar o descontentamento com a Rússia czarista.

Acesso em: <https://www.resumoescolar.com.br/historia/russia-czarista/>

<sup>7</sup> Pedro Kropotkin defendia que a origem real do anarquismo era a atividade criativa e construtiva das massas. Argumentava que o anarquismo foi originado entre o povo e que preservará a sua vitalidade e força criativas. *O que é o Anarco-comunismo?* Toby – Jornal neo-zelandês Thrall – Adaptado e traduzido por Manuel Baptista.

Nos países latino-sulistas, regados também por vários conflitos armados e ideológicos, estavam “até 1920 a maior parte dos sindicatos do México, Brasil, Peru, Chile, Uruguai e Argentina sob a orientação dos anarco-sindicalistas<sup>8</sup> e prestigiaram a Confederação Nacional do Trabalho Espanhola”<sup>9</sup> (COSTA, 1984, p. 117).

No Brasil, devido intensas imigrações do fim do século XVIII e início do século XIX o anarquismo se assemelha com a existência de camadas vulnerabilizadas da sociedade, mas é possível perceber que “antes da chegada dos imigrantes anarquistas, o caráter anárquico dos quilombos<sup>10</sup> criados pelos escravos evadidos das fazendas. Nos quilombos tudo era de todos: terras, produção agrícola e produtos artesanais” (COSTA, 1984, p. 117).

As bases do anarquismo brasileiro acompanharam o grande fluxo de imigrações misturando-se às inúmeras correntes do pensamento anarquista difundidas no Ocidente. Os autores Filho & Deminicis observam que o anarquismo no Brasil

diz respeito à grande diversidade étnica encontrada na composição original da classe operária brasileira constituída por imigrantes de todos os matizes: italianos, espanhóis e portugueses, alemães, franceses etc. Além de homens livres, brancos pobres, ex-cativos e seus descendentes (2006, p. 47).

Para exemplificar de maneira geográfica, a seguir pode-se observar um mapa elaborado por Michael Schmidt<sup>11</sup>, em que o autor apresenta a difusão do anarquismo a nível mundial.

Contudo, é essencial a leitura da nota de rodapé anteriormente citada para que não se confunda a colaboração do autor com informações com a sua real teoria-ação divulgada em carta pública pelo Instituto de Teoria e História Anarquista .

---

<sup>8</sup> Anarco-sindicalismo – é a forma anarquista do sindicalismo, também conhecido como sindicalismo revolucionário, por ambos compartilharem vários pontos em comum.

Acesso em: <https://www.anarquista.net/anarcosindicalismo-ou-sindicalismo-revolucionario-vertentes-do-anarquismo/>.

<sup>9</sup> A Confederação Nacional do Trabalho (CNT) mobilizou os trabalhadores em todos os níveis: educação, assistência social e moradia.

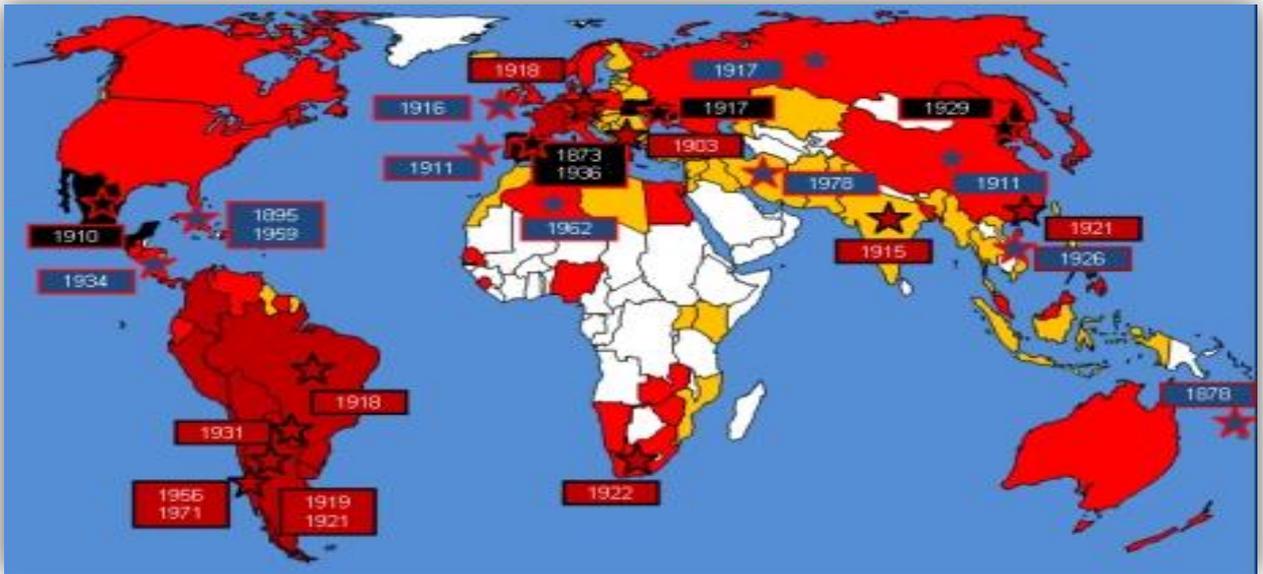
Acesso em: <https://super.abril.com.br/historia/anarquia-aqui-e-agora/>.

<sup>10</sup> Quilombo – No período colonial, comunidade fortificada formada por negros fugitivos e por uma minoria branca e indígena, organizada politicamente, representando uma forma de resistência e combate à escravidão.

Acesso em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/quilombo/>.

<sup>11</sup> O mapa utilizado neste trabalho visa à compreensão do anarquismo em nível mundial, contanto não referencio Michael Schmidt, co-autor de *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism* de forma coercitiva a leitura deste livro. O mesmo foi qualificado pelo Instituto de Teoria e História Anarquista como um ‘nacionalista’ e potencialmente um ‘neonazista’, infiltrado em organizações anarquistas e posteriormente expulso da organização. De acordo com as fontes consultadas, “rejeitamos, sem reservas, declarações e atividades atribuídas a Michael Schmidt que expressam visões fascistas e racistas (independentemente das razões que ele deu para essas ações, por exemplo, jornalismo disfarçado na extrema direita)”. Portanto, utilizo seu material apenas como exemplificação geográfica do anarquismo mundial, não como um autor de referência e ação plausível ao anarquismo.

Acesso em: <https://ithanarquista.wordpress.com/2017/03/23/2017-statement-on-michael-schmidt-case-declaracao-sobre-o-caso-michael-schmidt/>.



Mapa 1 – Mapa da difusão do anarquismo mundialmente organizado por Michael Schmidt (CORRÊA, 2012, p. 247).

Preto: protagonismo revolucionário;

Vermelho Escuro: Anarquismo e sindicalismo revolucionário hegemônico;

Vermelho claro: Anarquismo e sindicalismo não hegemônico;

O anarquismo torna-se um objeto de estudo bastante complexo ao se analisar sua contextualização prático-teórica, por vezes ao se discuti-lo como algo que não se encaixaria como uma ideologia e nem mesmo como uma teoria, tornando-o bastante desafiador cientificamente interpretá-lo, pois de acordo com Felipe Corrêa

é possível afirmar que o anarquismo se define pela perspectiva de certeza ideológica e dúvida teórica permanente. Por um lado, trata-se de conservar constantemente os princípios ideológicos que lhe são fundamentais, por isso, não é antidogmático em relação a seus princípios, que norteariam seus pensamentos e ações que são inegociáveis. Por outro se trata de buscar as ferramentas mais adequadas para compreender a realidade que deseja transformar, com significativa realidade por meio de ferramentas desenvolvidas necessariamente por anarquistas, ainda que seja necessário buscar uma coerência entre os métodos e teorias utilizados e as bases ideológicas do anarquismo (2012, p. 124).

Como os históricos do anarquismo e das internacionais são um longo objeto de estudo, restrinjo-me a um delineamento conciso, observando a existência de congressos e reuniões em outros países do Oriente<sup>12</sup> e da África<sup>13</sup>, que não foram citados, pois abrangem outras complexidades culturais e religiosas.

O anarquismo retrata sua complexidade em suas diferentes ramificações desde que se compreendeu enquanto ideal. Assim como outras filosofias, ideias e correntes políticas que se

<sup>12</sup> A respeito do anarquismo oriental sugere-se a leitura de *Um anarquismo menor: práticas libertárias no Japão imperial*, tese de doutorado em Ciências Sociais, de Luíza Uehara de Araújo.

<sup>13</sup> Em vista do anarquismo Africano, sugere-se a leitura de *África rebelde: comunismo e anarquismo em Nigéria*, de Sam Mbah e I. E. Igariwey, texto original em espanhol.

ramificaram em fins organizacionais, no anarquismo o mesmo contexto é observado, mas este sempre se fundiu com outras teorias e ação anarquistas para ação em prol da sociedade. Até mesmo em suas correntes mais individualistas, o bem comum e o pensamento coletivista sempre foram características do anarquismo. Conforme observado por George Woodcock “o anarquista purista – seja um intelectual, um ativista direto ou um profeta secular - é um individualista que trabalha com outros individualistas” (2014, p. 44).

Em cada uma de suas correntes é importante reconhecer suas diferenças de base estrutural, sendo essas: individualista, comunista, coletivista, comunitária ou mutualistas<sup>14</sup> e outras correntes contemporâneas que não são teorias anarquistas de pensadores de base anarquista. É importante compreender que todas as correntes que compartilham destas estruturas citadas acima, Felipe Corrêa analisa como “as bases para o estabelecimento das correntes intervenções individuais ou coletivas, sindicais, comunitárias ou cooperativas; violentas ou pacíficas; econômicas, políticas ou culturais” (CORRÊA, 2015, p. 236).

O anarquismo foi um ato recorrente das comunidades campesinatas em termos da expropriação de terras e das ações antifascistas<sup>15</sup> independentes de seus indivíduos ao redor do mundo.

Com a passagem dos séculos o anarquismo tem se tornado ainda mais complexo se reorganizando em inúmeras correntes que acompanham o fluxo constante de mudança sociológica, cultural e filosófica da sociedade. Basicamente um ideal de vida, uma filosofia em que a teoria não anula a prática e vice-versa. Considerar-se anarquista é reavaliar toda ação pessoal e coletiva diariamente.

---

<sup>14</sup> Sugere-se o acesso do sítio <https://www.anarquista.net/vertentes-do-anarquismo/> para informações a respeito de correntes e bases estruturais do anarquismo.

<sup>15</sup> No contexto histórico, é um termo originado da década de 1920 e relacionado com um movimento político que se opôs ao fascismo de Benito Mussolini, político italiano, que governou com poderes ditatoriais a Itália, entre 1922 a 1943. O termo relacionado antifa deriva de *antifaschismus*, antifascismo em alemão. Ele se refere a indivíduos e grupos dedicados a combater o fascismo. A maioria dos principais movimentos de resistência durante a Segunda Guerra Mundial foi antifascista. Hoje o termo é utilizado para referir-se a alguém que se opõe ao fascismo em geral, tanto sob a forma de militância ativa de um partido político ou movimento cuja ideologia é oposta ao fascismo, como por exemplo, o liberalismo, o anarquismo, o comunismo, o socialismo ou a social democracia, ou de forma passiva, simplesmente tendo opiniões políticas que consideram que o fascismo é um regime errado. Acesso em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/antifascista>.

## 1.2 A educação integral e o anarquismo

A educação integral não se restringe a uma modalidade de ensino, pois se trata de uma busca educacional que investiga o desenvolvimento pleno do indivíduo. Ao buscarmos uma educação vinculada à realidade do ser humano que é o objeto central desta educação, é crucial a reformulação das práticas pedagógicas do educador. Esta busca se reflete há muito tempo no anarquismo e vem atestando que “o ensino integral faz referência a um futuro em que desaparecerão os empecilhos para esse desenvolvimento que só é acessível à minoria privilegiada que assim vê reforçados seus privilégios” (MORIYÓN, 1989, p.22).

Sob esta perspectiva, é necessário observar que a escola ainda enfrenta desafios para o desenvolvimento desta proposta educacional que visa despertar o indivíduo em seus aspectos mentais, físicos, intelectuais, espirituais e afetivos. Os anarquistas demonstraram que a educação deve ser compreendida “em sua tríplice dimensão de educação formal, não formal e informal” (MORIYÓN, 1989, p. 25), esse ponto de vista se descoordena quando as ações para esta tríplice formação se veem separadas entre organizações não governamentais, escola, centros de estudos e comunidade sem se inter-relacionarem.

Ao se observar a formação intelectual do indivíduo, é perceptível que dificilmente é estabelecida uma educação que busca “aprender o conceito sem abandonar a ação, produzir a teoria com experimentação, unir o cotidiano ao ensino-aprendizagem, compreender e relacionar as esferas política, psíquica e cognitiva” (NETO, 2008, p. 101). Partindo desta perspectiva educacional, pensadores como Ferrer y Guardiola<sup>16</sup>, Mikhail Bakunin, Paul Robin<sup>17</sup> e a pensadora Maria Lacerda de Moura<sup>18</sup> etc. fundamentaram diferentes tipos de escolas substancialmente anarquistas e/ou libertárias, inclusive no Brasil. Entre os períodos de 1880-1930, os citados autores, em seus escritos pedagógicos, observaram a clara necessidade da ampliação metodológica do que se entendia por educação completa ou íntegra do ser humano.

Ao criar a Escola Moderna, descrita no próximo capítulo, Ferrer y Guardiola em nota

---

<sup>16</sup> Francesc Ferrer Y Guardiola (1859 – 1909) foi um pedagogo anarquista. A obra que enfatizo leitura do autor é o texto *A escola moderna*, esta obra reúne toda a estrutura e proposta da primeira escola anarquista de Barcelona, que mais tarde a mesma estrutura é trazida até o Brasil. “A escola pode servir de cimento para os baluartes da tirania ao mesmo tempo em que para os alcáçares da liberdade” (GUARDIÁ apud GIMÉNEZ, 2014, p.8).

<sup>17</sup> Paul Robin (1837 – 1912). Dirigiu o Orfanato de Prévost por mais de uma década, mais exatamente entre os anos de 1880 e 1894 na cidade de Cempuis na França, originando um verdadeiro espaço de liberdade em meio à educação castradora da época (KRAEMER; NASCIMENTO, 2011, p. 4304).

<sup>18</sup> Maria Lacerda de Moura (1877 – 1945) foi uma pedagoga, poeta, professora, feminista e pensadora anarquista. Foi professora primária, em Barbacena, Minas Gerais, formada pela Escola Normal. Acreditava na educação como um instrumento de transformação social, tendo adotado a pedagogia libertária de Ferrer. Como educadora aderiu às campanhas de alfabetização de adultos e fundou a Liga Contra o Analfabetismo. *Mulheres Anarquistas: o resgate de uma história pouco contada*, volume I – Mabel Dias. (2002-3, p. 20).

de publicação da Escola Moderna, em 1901, atestou que “com a pedagogia moderna nos propomos a educar e instruir as novas gerações demonstrando as causas que motivaram e motivam o desequilíbrio da sociedade” (GURDIÁ apud GIMÉNEZ, 2014, pg. 17).

O firmamento da educação integral contempla as duas potencialidades que viriam a ser desenvolvidas ao longo da vida do indivíduo em formação: o trabalho braçal e o intelectual em conjunto. O anarquista Piotr Kropotkin, um dos pensadores anarquistas do século XIX, em seus escritos a respeito desta formação dupla do indivíduo, observou que estudar as coisas reais a partir de meras representações gráficas, seria uma perda de tempo.

Por vezes, esta relação íntima com o trabalho braçal em que o anarquismo persevera sob o debate da possível superação da alienação do ser humano, que abre caminhos para conquistar o conhecimento teórico e prático, conforme observado por Silvio Gallo.

O pedagogo Paul Robin afirmou que “a educação integral é o resultado de um longo processo de evolução” (GALLO, 2012, p. 177). Quando o pensamento de Robin é relacionado ao de Proudhon, percebe-se que a sociedade precisaria perceber que a educação utiliza a própria representação social para se construir. Para que este espelhamento se torne efetivo, cada indivíduo precisaria estar desenvolvendo qualidades individuais e coletivas de uma sociedade mais humanista.

Esta reconstrução social, política, sindical, global e educacional antiautoritária, na educação, seria construída sob a perspectiva de uma educação livre. Como na nova ordem social, ao ser estabelecer sem a intermediação de líderes, partidos ou governos, o reflexo na educação seria de indivíduos que “caminharão com novo ardor em direção a novas conquistas, iguais na vida e na ciência” (MORIYÓN, 1989, p.40).

Tendo em vista que a ação da educação integral não se restringiria somente ao universo escolar, no anarquismo observa-se que a importância das práticas educacionais seria a de estarem conectadas à educação intelectual, física e moral do ser humano, pois “a educação integral anarquista organizava-se em torno da vivência cotidiana da comunidade escolar através da solidariedade e da liberdade, como forma de organizar uma nova prática social” (GALLO, 2012, p. 178).

O escritor espanhol anarquista, Ricardo Mella<sup>19</sup>, observou em vários de seus escritos os problemas do ensino contemporâneo, este alegou que “a escola não deve e não pode ser republicana, nem maçônica, nem socialista, nem anarquista da mesma forma que, não pode e nem deve ser religiosa” (MELLA, apud, MORIYÓN, 1989, p. 69).

---

<sup>19</sup> Ricardo Mella Cea (1861 – 1925) um dos primeiros escritores, intelectuais e ativistas libertários europeus de finais século XIX e começos século XX. Caracterizou-se por ser um estudioso e crítico de variados temas, bem como falante e tradutor de inglês, francês e italiano.  
Acesso em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo\\_Mella](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Mella).

O pensador acreditava que para a educação integral contribuir efetivamente como novo modelo educacional, seriam dispensadas ideias pré-moldadas, para que isso não gerasse conflito com as buscas individuais de cada indivíduo. Em antagonismo ao que se entende a respeito da educação anarquista, nem mesmo o ideal revolucionário anarquista deveria ser imposto aos simpatizantes desse.

Para que esta suspensão das ideias pré-moldadas para o indivíduo que está em fase de descoberta, Silvio Gallo sublinha que “toda essa educação dos sentidos, como forma de instigar a percepção, deverá ser construída com base na espontaneidade e na curiosidade, tomando o cuidado de fazer da curiosidade uma capacidade cada vez mais ativa e participante” (GALLO, 1995, p. 101). Sendo assim, a educação integral relacionada aos conceitos comunitários e íntegros do anarquismo, torna-se um objeto de observação atenciosa em que a correlação entre a comunidade e a educação seria a de trocas mútuas constantes não hierarquizadas.

A representação do docente é transformada, pois esse também faz parte da comunidade e torna-se um indivíduo que compartilha das relações da mesma. A sua figura é reconhecida como educador, que não mais sendo o protagonista das trocas educacionais, torna-se um indivíduo que se aproxima da realidade cotidiana de todos os educandos, pois também está aprendendo e praticando os princípios do não autoritarismo e a disseminação de hierarquias sociais.

Os autores Mattos & Mattos evidenciam que

o novo educador e a nova educadora devem ter em mente que o conhecimento não está completo, e que deve ser desenvolvido rumo a uma nova conscientização de mundo. Que devemos trabalhar em conjunto com as diferentes áreas do conhecimento em busca de uma educação universal, que permeie o individual, o físico, o biológico, o psíquico, o social, o cultural, o histórico, o interpessoal, o transpessoal e o espiritual. Observando que não há um caminho de certezas a ser seguido, mas, vários caminhos de incertezas, tentando conceber articulações, identidades e diferenças entre eles (2005, p. 4, no prelo).

No anarquismo, este envolvimento do educador que visa transformar completamente as estruturas do que se entende por educação permeia a transformação constante dos métodos educativos, pois o educando que caminha em constante transformação não irá se adaptar as mesmas dinâmicas educativas. O educando, conforme citado anteriormente está desenvolvendo sua curiosidade e espontaneidade. A responsabilidade maior do educador será sempre ter como foco esta perspectiva da transformação constante dos indivíduos.

No anarquismo, Felipe Corrêa discorre que a respeito dessas relações que visam à autogestão e o não autoritarismo a partir de uma íntima observação a realidade o educador (a) buscarão estratégias que sejam consonantes à teoria-ação anarquista sem contradições.

com vistas a transformar as relações de poder, subsidia o estabelecimento de objetivos, leituras da realidade e estratégias e táticas adequadas para tal intervenção. Seus objetivos são socialistas e libertários e visam criar um sistema de autogestão; suas leituras da realidade estabelecem críticas estruturais e conjunturais, dos sistemas de dominação; suas estratégias são coerentes com seus objetivos e ações revolucionárias (2015, p. 120-121).

A educação integral é futuro da educação integrada sob o envolvimento de indivíduos preocupados com a transformação e espontaneidade do espaço-tempo, sem imposições de que alguma percepção seja superior a outra. Uma forma de educação livre, consciente e conectada.

### 1.3 Escolas e comunidades anarquistas: experiências e legados educacionais

O anarquismo não só como uma vertente de um pensamento sociopolítico e econômico, também consolidou inúmeras experiências ao redor do mundo em comunidades organizadas em distintas estruturas relacionadas à cultura, à educação, a expropriação de terras, aos embates políticos, às revoluções e aos atentados ocorridos durante o pós-guerra e revoluções mundiais. É importante destacar a I e a II Guerra Mundial, a Revolução Francesa, a Revolução de Outubro, a Revolução Russa e as Greves de 1917-1919 brasileiras<sup>20</sup> Todas estas citadas, mantêm a forte presença dos ideais anarquistas em termos da ‘teoria-ação’<sup>21</sup>.

Durante esses fatos históricos, houve a clara necessidade de que o anarquismo se reorganizasse não só como política que não admitia o Estado e/ou a Igreja<sup>22</sup>, enquanto instituição dominadora. Não bastariam apenas os movimentos sociais e a expropriação de terras. Foi necessária a organização de maneira ampla às necessidades humanitárias tendo em vista a construção da liberdade coletiva. Essas aspirações às comunidades alternativas e espaços educacionais anarquistas se disseminaram ao redor do mundo, tornando-se realidade até mesmo no Brasil<sup>23</sup>.

O autor George Woodcock ao retratar sobre as comunidades anarquistas delineia um panorama entre as comunidades rurais e agrícolas em que primordialmente estas comunidades

<sup>20</sup> Os anarquistas foram os responsáveis pela organização dos primeiros movimentos operários.

Acesso em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/anarquismo-origens-da-ideologia-anarquista.htm>.

<sup>21</sup> Teoria e formulação da prática política. Acesso em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/anarquismo.htm>.

<sup>22</sup> Para melhor compreensão da Igreja enquanto instituição sugere-se a leitura de *Filho dileto da Igreja e do capital*, de Maria Lacerda de Moura: “A Igreja aceita a República, quando não tem outros meios de governo mais absolutos ela é baseada na monarquia, na aristocracia, na nobreza hierárquica. Seu sistema de governo é absolutista. É, portanto a grande liberticida. É, portanto fascista” (MOURA, 2012, p. 55).

<sup>23</sup> A Colônia Cecília foi provavelmente a primeira experiência anarquista no Brasil. Fundada pelo italiano Giovanni Rossi nas terras de Palmeira, cidade do Paraná, funcionou durante quatro anos, de 1890 a 1894.

Acesso em: <https://www.anarquista.net/10-comunidades-anarquistas-que-deram-certo/>

evidenciam a influência de pensadores anarquistas como, por exemplo, Eliseè Reclus<sup>24</sup>, Piotr Kropotkin<sup>25</sup>, Liev Tolstói<sup>26</sup>. Essas comunidades aldeãs teriam se organizando inicialmente entre o comunismo e libertarismo, retratando que entre seus componentes nem toda a ação era majoritariamente anarquista, um exemplo de uma experiência nesse sentido ocorreu em 1919, na Ucrânia<sup>27</sup>.

A respeito destas experiências George Woodcock, observou que “as coletividades aldeãs normalmente consideravam-se comunidades independentes, cada qual em sua própria *patria chica*<sup>28</sup> mantendo relações de igualdade com aldeias vizinhas” (2006, p.146).

Todavia, ao se relatar as relações entre estas fases iniciais das comunidades anarquistas e relativas, é necessária uma clara percepção de que como são comunidades que surgem durante o século XVIII e pela motivação de serem registros históricos que ainda vem sendo investigados por estudiosos da história e da sociologia, em termos científicos, o

<sup>24</sup> Élisée Reclus (1830–1905) contradiz a centralidade racionalista de sua época, situando toda sua obra entre a composição de um novo paradigma na geografia e o posicionamento excêntrico, dotado de criticismo libertário, contrário à geografia racionalista. Reclus criou um novo paradigma na geografia, a geografia anarquista e também uma nova vertente do anarquismo, o anarquismo geográfico. Como aporte teórico para o entendimento da excentricidade da geografia anarquista de Reclus é de suma importância recorrer à revisão crítica de suas três grandes obras: *La Terre, Nouvelle Géographie Universelle* e *L'Homme et la Terre*. O libertarismo geográfico, nascido de sua militância e de seu cientificismo, hoje extrapola a ciência geográfica em si e chega a outros ramos do saber, diante da necessidade de afirmação das diferenças e da transformação do *status quo* pela via da ação direta no espaço (CIRQUEIRA, 2016, p.1).

<sup>25</sup> Piotr Alekseyevich Kniaz Kropotkin (1842 – 1921) – Fundador dos movimentos anarquista russo e inglês nasce em Moscou, filho do príncipe Aleksey Kropótkin. É educado em São Petersburgo, rejeita a vida da corte e serve de 1862 a 1867 como militar na Sibéria. Ao mesmo tempo, estuda a vida animal e faz explorações geográficas na região, obtendo reconhecimento científico. Na Sibéria tem o primeiro contato com o movimento anarquista, criado pelo teórico russo Mikhail Bakunin, que propõe a revolução com a destruição da estrutura social existente. Libertado em 1886, fixa-se na Inglaterra, onde escreve *Palavras de um Revoltado* (1885), *A Conquista do Pão* (1892) e *Ajuda Mútua* (1902), em que propõe o fim de todas as formas de governo e instituições em favor de uma sociedade comunista regulada pela ajuda mútua e cooperação - o chamado anarcocomunismo  
Acesso em: <https://www.algosobre.com.br/biografias/piotr-kropotkin.html>

<sup>26</sup> Liev Tolstói (1828 – 1910) nasce em *Yasnaya Polyana*, uma pequena aldeia Russa de propriedade de sua família. De origem nobre, recebe o título de conde. “Na Europa, confere atenção especial também às novas experiências em matéria de educação. Influenciado desde a adolescência pela obra de Jean Jacques Rousseau, acredita que a função da educação seria aprimorar o caráter humano, por meio da educação moral e da autodisciplina” (p. 60-61). *O cultivo da liberdade na Pedagogia de Tolstói* – Luciana Fernandes Teixeira.

<sup>27</sup> “Até pelo menos 1919 a Ucrânia foi capaz de viver o comunismo-libertário. Os camponeses cultivaram as terras tomadas e se agruparam em comunas livres. Todos deviam trabalhar: homem, mulher ou criança. A autogestão foi praticada. Voline Báron e Ashinov publicaram um jornal e organizaram uma Comissão de Cultura e Educação; conferenciavam as tropas e planejaram escolas de acordo com os métodos de Ferrer y Guardiá. Tendo como base a espontaneidade e a independência entre os alunos; abriram um teatro experimental e prepararam um programa de educação para os adultos” (COSTA, 2008, p. 94-95).

<sup>28</sup> “*‘patria chica’* é a expressão da ambição de escrever uma história social difícil de ser escrita em escala nacional”. *Identidades nacionais e o Estado moderno da Centro América* - Arturo Taracena; A.- Jean Paul (1995, p. 20).

<sup>28</sup> ‘*La patria chica*’, uma zarzuela, apresentada pela primeira vez no teatro de *La Zarzuela*, em Madri, em 15 de outubro de 1907. O libreto de Alvarez Quinteros e composição musical de Ruberto Chapí, de um único ato, evocam intensamente todas as bagagens da cultura espanhola, embora se pareça com a Paris contemporânea. Não é de admirar que a recreação dos personagens de sua *patria chica* (“pequena pátria”) em um sótão francês frio tenha ganhado um lugar especial no coração dos emigrados de todo o mundo. Esta obra é uma referência no que se trata das imigrações e o que seria esse amor fraterno a *patria chica* – Texto original em espanhol. Acesso em: <https://www.zarzuela.net/syn/patria.htm>.

relativo assunto não será discutido. Fora traçado um panorama e entre quatro relevantes registros de comunidades que tiveram importância à educação e para a arte.

Em fins de organização da linha do tempo histórica, a primeira comunidade educacional a ser evidenciada nesse capítulo será ‘*Yasnaya Polyana*’, escola criada na Rússia em 1859, por Liev Tolstói, um pensador anarquista cristão, antidogmático e pacifista. Este pensador enalteceu a “aspiração de inovação dos métodos educacionais, sendo esse o objetivo central de Tolstói ao conceber em seu próprio terreno a escola, que fora destinada aos camponeses de sua região natal, produz ele mesmo os materiais de estudos e realiza o treinamento dos professores” (TEIXEIRA, 2017, p. 61).

Visando os ideais educacionais anarquistas, Tolstói elaborou métodos em que Luciana Teixeira, argumenta que o educador

não poderia ser uma figura autoritária e aprender deveria ser uma diversão. Mais do que ensinar a ler, a escrever e a calcular, o fundamental era educar para libertar. A criatividade e a espontaneidade dos alunos eram estimuladas por meio de uma proposta educativa igualmente criativa e inovadora (TEIXEIRA, 2017, p. 60).

Neste espaço educacional, as crianças e adultos que o frequentavam não eram coagidos pelos educadores de forma autoritária. Na proposta curricular da escola, os educandos tinham plena liberdade para se ausentar da sala de aula, escolher outro tema para estudar bem como não tinham a obrigação de levar materiais de estudo, pois podiam encontrar neste espaço educacional

As duras críticas de Tolstói aos sistemas educacionais vigentes na Rússia neste período, pois em seu ideal, afirma que “a educação lhe parecia sempre incorporada de um caráter autoritário, nunca realmente priorizando, na prática, o fator liberdade” (TEIXEIRA, 2017, p. 65).

Em relação ao método pedagógico elaborado por Tolstói, Luciana Teixeira aponta que este

está diretamente ligado ao conhecimento fecundo e à liberdade. Um ensino que deveria necessariamente trazer informações e saberes que melhorassem e aperfeiçoassem a vida das pessoas e que o método de ensino deveria acompanhar a flexibilidade da imaginação e da criatividade dos envolvidos no processo, principalmente no aproveitamento de aspectos naturalmente presentes no comportamento das crianças (2017, p. 66).

Em sua proposta curricular até mesmo prática em conjunto e coral eram praticadas

no começo, cantavam alguns acordes acompanhados ao piano, mas as dificuldades encontradas na leitura das notas musicais fizeram muitos desanimar. A solução encontrada foi substituir as notas musicais por números, o que favoreceu o gosto pela arte musical e colocou a aula entre as favoritas (TEIXEIRA, 2017, p. 73).

Ao relacionar os métodos propostos sob as bases da autonomia, evidenciados por Tolstoi, Silvio Gallo, contemporâneo estudioso anarquista observa que na educação ácrata

não se ensinava a conhecer o mundo, mas mais propriamente, era ensinado um certo conhecimento do mundo, conhecimento este que dava a segurança de viver sem mistérios, mas que levava ao medo do risco, à morte da criatividade, da originalidade, da liberdade (1995, p. 34).

Mais tarde em 1880, é importante destacar a experiência do Orfanato de Prévost, coordenado por Paul Robin na França.

Prévost foi fundado em 1861 por Joseph-Gabriel Prévost (1793 – 1875), um rico comerciante da cidade de Cempuis, membro da sociedade espírita de Paris, um adepto das teorias de Saint Simon que, através de testamento, deixou a propriedade sob os cuidados da prefeitura local, com disposições bem claras quanto às diretrizes a serem respeitadas na educação dos órfãos: estudo laico, praticado por professores também laicos e para crianças de ambos os sexos, criançasestas que deveriam frequentar as aulas conjuntamente. Estava criado o ambiente propício para a prática da educação integral (GALLO, 2010, p. 4310).

Esta experiência educacional mais tarde viria a ser coordenada por Paul Robin, que observou uma oportunidade de por em prática seus escritos metodológicos de educação anarquista. O pensador valorizou em sua metodologia o trabalho laboral, reafirmando uma das bases da educação anarquista anteriormente citada, sendo estas, o trabalho intelectual e o trabalho braçal, vértices da educação integral.

O orfanato “constituía-se em uma escola ideal para a aplicação de suas teorias; pois ao se tratar de um orfanato, a escola era a própria casa das crianças, era uma escola em tempo integral, formando uma comunidade em que a educação integral poderia ser trabalhada sem maiores transtornos” (GALLO, 1995, p. 90).

Este pedagogo, Paul Robin, inspirou as teorias de Proudhon e Bakunin. Foi a experiência prática dos conceitos mais tarde teorizados, em que “definiu, no exercício diário escolar, uma crítica à autoridade, à disciplina castradora, à hierarquia, à homogeneização dos indivíduos, ao individualismo, etc.” (GALLO, 2010, p. 4313-4314).

No orfanato eram oferecidas oficinas que convergiam com os interesses que Paul Robin já vinha observando como essenciais ao desenvolvimento da criança, tal como a botânica, a geologia, a astronomia, a carpintaria, a sapataria, a costura e o incentivo ao estudo da música.

Todo esse conceito educacional converge com a contemporaneidade da autonomia dos indivíduos que buscam a autoeducação, estes, podendo se relacionar a política, movimentos sociais, educacionais, culturais, etc.

o objetivo destas oficinas, que englobavam todas as opções de campos de trabalho da época, era favorecer uma introdução ao mundo laboral. Desta forma, os alunos criavam afinidades e escolheriam a área com que mais se identificassem para posteriormente desenvolverem um aprendizado mais profundo sobre ela, especializando-se. Sendo assim uma escolha consciente e não alienante (GONÇALVES, 2011, p.30).

De modo contemporâneo, isso pode ser associado à política do ‘faça você mesmo’<sup>29</sup> que foi propagado em grande parte pelo movimento punk, que continua criando materiais autorais independentes, principalmente no que se trata em conteúdo fonográfico. Uma atitude que questiona os modos tradicionais, essencialmente na contemporaneidade de acesso a informação em rede.

Em termos metodológicos “a proposta educacional de Robin dividia a educação em fases: a primeira era chamada de período espontâneo, onde as crianças são essencialmente consumidoras; e a segunda, período dogmático, quando a criança passa a poder ser também produtora” (GALLO, 2010, p. 4311). A proposta metodológica de Robin também reafirmou o não sexismo<sup>30</sup>, pois todas as crianças, independente de seu sexo, praticavam todas as oficinas em conjunto.

Neste contexto, a experiência de Robin, no Orfanato de Prévost, deu vida à prática da educação anarquista durante mais de uma década. Robin aplicou e aperfeiçoou uma novidade metodológica de ensino; quebrou tabus para a época, com um ensino sem gratificações ou castigos; a convivência entre os sexos em sala de aula; um ensino racional sem a adoração ao divino; o desenvolvimento integral dos internos.

Todas essas novidades instigaram críticas de uma sociedade que não conseguiu enxergar com bons olhos a quebra de tantos tabus educacionais. Robin, não via na religião a salvação e nem via no Estado o caminho para o equilíbrio social; nem acreditava na divisão de classe; intitulava-se anarquista.

Contudo, a experiência ecoou de forma positiva e possibilitou a gerações futuras vislumbrar uma alternativa para a educação, uma mudança dos padrões estabelecidos, o que pode ser percebido em trabalhos como a Escola Moderna de Ferrer y Guardiá. (GALLO, 2010, p. 4315 – 4316).

---

<sup>29</sup> O *DIY* (do inglês, *do it your self*), faça você mesmo – referência a projetos de reparos caseiros que as pessoas faziam sozinhas, usando os materiais que tinham à sua disposição. Nas décadas seguintes ao seu surgimento, o movimento começou a ser mais associado à contracultura punk e alternativa e à produção musical e midiática independente (discos, rádios piratas e zines, por exemplo). Como aparece uma consciência mais reflexiva à medida que o movimento se desenvolve ao longo das décadas a partir dos anos 1950, as gerações posteriores muitas vezes, clamaram por uma filosofia mais política, que normalmente se associa a algumas vertentes do pensamento anarquista, com o anti-mercantilismo, a ajuda mútua, o esforço coletivo e práticas sociais alternativas. Acesso em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-volta-da-cultura-do-faca-voce-mesmo/>.

<sup>30</sup> Sexismo: é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual. Acesso em: <https://www.significados.com.br/sexismo/>.

Todavia, a experiência educacional em que Robin coordenou em Cempuis, foi duramente coagida pelo catolicismo e a experiência marca seu fim em 1892. De acordo com Ana Gonçalves “todas essas características revolucionárias de educação praticadas em Prévost, principalmente na educação moral, causaram duras críticas - principalmente dos católicos que acabaram por destituir Robin da direção do Orfanato” (2011, p.32). A Igreja católica decretou o fim da experiência, reafirmando o que Maria Lacerda de Moura já teria observado em *Filho Dileto da Igreja e do Capital*, anteriormente citado.

Em 1904, outra experiência educacional anarquista relevante foi ‘*La Ruche*’<sup>31</sup>, em português, ‘A Colmeia’, fundada em 1904, por Sebastián Faure<sup>32</sup>. Esta experiência educacional, assim como as anteriormente citadas, segue a lógica anarquista do ‘apoio mútuo’<sup>33</sup>, da ‘autogestão’<sup>34</sup>, do ‘internacionalismo’<sup>35</sup>, da ação direta e da ‘autonomia individual’. No próximo capítulo, esses conceitos serão relacionados à prática educacional em que analisei estes elementos em Almirante Tamandaré/PR e Curitiba/PR.

Na experiência educacional *La Ruche*, os objetivos eram de que as crianças “fossem educadas de modo a permitir o livre desenvolvimento de suas potencialidades e onde aprendessem a dominar um ou mais ofícios, podendo depois ser úteis a si mesmas e à sociedade” (GALLO, 1995, p. 132).

Todas estas práticas educacionais sob a perspectiva anarquista visam que o educando não seja coagido a realizar uma atividade ou um ofício de maneira autoritária por parte do educador. A liberdade expressiva e de escolha é um ponto culminante para a autonomia individual dos indivíduos, tanto educador como educando. Essa prática seria um reflexo da relação entre os educadores, que se não se viam em posicionamentos hierárquicos.

Sobre esta perspectiva Luíza Uehara relata a respeito dos educadores de *La Ruche* observando uma relação expandida entre o educador e o educando, pois o educador seria uma espécie de estímulo ao educando em seu processo investigativo e de descoberta.

<sup>31</sup> A colmeia localiza-se em Rambouillet, próximo a Paris. Em uma fazenda de aproximadamente 25 hectares, contou com diversos anexos externos e ateliês para todos os tipos de atividades propostas no espaço.

<sup>32</sup> Sébastien Faure (1858 – 1942), o fundador e principal impulsionador de ‘A Colmeia’, iniciou sua carreira política candidatando-se ao parlamento pelo Partido Socialista em 1885, abandonando-o alguns anos depois para filiar-se ao ideal anarquista. Colaborou com textos em muitas publicações anarquistas e foi fundador dos periódicos *Le Libéraire*, junto a Louise Michel, e *Ce qui ‘il faut dire*. Escreveu livros e proferiu conferências de propaganda libertária, idealizou a *Encyclopédie Anarchiste* na década de 1920 e foi, sem dúvida, um dos grandes militantes e teóricos do anarquismo francês.

Acesso em: <https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/editora/a-colmeia/>.

<sup>33</sup> Apoio mútuo ou ajuda mútua, na teoria da organização, indica um voluntário intercâmbio recíproco de recursos e serviços para o benefício mútuo. Acesso em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Apoio\\_m%C3%BAtu%C3%B4](https://pt.wikipedia.org/wiki/Apoio_m%C3%BAtu%C3%B4).

<sup>34</sup> Autogestão – significa autonomia, ou seja, governo das pessoas por elas mesmas, sem ninguém liderá-las ou dizerem o que podem ou não fazer. Essa forma de organização faz com que as riquezas produzidas pela sociedade fiquem diretamente nas mãos de quem pertencem, ou seja, seus produtores. Acesso em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/tudosobreanarquia.html>.

<sup>35</sup> Internacionalismo – é uma corrente política que advoga uma maior cooperação econômica e (ou) política entre nações em prol do benefício mútuo. Acesso em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internacionalismo>

os integrantes de *La Ruche* trabalhavam ao lado de Faure e eram conhecidos como *ruchards*. Eles vinham de vários lugares e não apenas cuidavam dos afazeres diários. Eram educadores. Um *ruchard* não era um professor, não buscava internalizar regras universais, nem a chave explicativa de tudo, mas suscitava o entusiasmo investigativo nas crianças (2010, p. 95).

Este pedagogo, preocupado com explorar as potencialidades de seus educandos

afirmava que as crianças e os jovens não estavam moldados; neles encontrava ardor, energia e força. Diferente dos mais velhos, em que já não via as mesmas paixões, cujas ideias cristalizadas não os permitiam experimentar algo novo. Aos mais jovens, nos quais a imaginação continua, seria preciso apresentar ideias puras, nobres, para que as abraçassem e delas se tornassem defensores desinteressados e generosos (UEHARA, 2010, p. 95).

É perceptível que na experiência educacional *La Ruche* que “para Faure, o importante não é apenas que a criança aprendesse, mas também como ela aprende, o meio é fundamental e não pode ser imolado em nome do fim” (GALLO, 1995, p. 139).

Se relacionado com o que de fato se trata a educação anarquista, Nascimento & Kraemer complementam esta ideia dos objetivos da educação anarquista, analisando que para os anarquistas, saber ler não era tudo. O aluno precisa aprender a verdade histórica, científica e social. O anarquista queria um ser humano educado, instruído, culto, despido de ódio, de rancor, de inveja, com capacidade para se autogovernar, gerir seus atos, ser livre e cultivar a liberdade como a vida, todos os dias (2011, p. 4305).

As experiências educacionais em *La Ruche* se mostraram capazes de firmar novos prismas educacionais e de inclusive consolidar os objetivos da educação integral. Dentre as experiências vividas neste ambiente, é importante ressaltar que

a anarquista russa Emma Goldman<sup>36</sup>, acompanhada de Alexander Berkman, em 1907, também visitou *La Ruche*. Em sua revista *Mother Earth* conta a viagem ao destacar a importância e a coragem de uma experiência como esta em um momento de padronizações, em que qualquer invento parecia não ser bem-vindo (UEHARA, 2010, p. 96).

As vivências artístico-musicais, de acordo com Luiza Uehara, também tiveram destaque, evidenciando que

A música atravessava *La Ruche*. Não era uma disciplina curricular, nem estava apartada da educação anarquista, mas aproximava colaboradores e crianças por meio da dança, de um instrumento e das letras. Corroía a relação hierárquica professor-aluno (2010, p. 96).

Essa relação livre entre educador, educando e os espaços de aprendizado estão em sintonia com as propostas da educação integral da teoria-ação anarquista. Se relacionados ao

---

<sup>36</sup> Emma Goldman (1869 – 1940) foi uma anarquista conhecida por seu ativismo, seus escritos políticos e conferências que reuniam milhares de pessoas nos Estados Unidos. Acesso em: <https://www.anarquista.net/emma-goldman/>

conceito de cultura descrito por Herbert Head<sup>37</sup>, observamos que a sensibilidade de adaptar-se

aos espaços produtivos, é o objetivo transformador do que se entende por espaço de educação ou de cultura, pois “o centro de toda atividade cultural: existem exatamente as mesmas condições, seja uma embarcação ou um poema, uma cabana ou uma catedral, uma ferradura ou um motor de avião. Sensibilidade é a chave do sucesso. Existem graus de sensibilidade” (READ, 2013, p. 50).

Esta perspectiva educacional comprovou que “*La Ruche* está para além de uma instituição da escola e orfanato; não se restringindo à transmissão de alguns conhecimentos, mas pensado na formação integral e completa do homem, não é uma escola como as outras” (GALLO, 1995, p. 134). Ao complementar essa análise com a de Luiza Uehara, conclue-se que *La Ruche*

não era uma escola ao não ter alunos e professores, onde uns, que nada saberiam, escutariam o detentor do conhecimento. Não era um pensionato porque as crianças que ali habitavam não eram enviadas por pais que podiam pagar suas estadias e assim diminuir seus esforços quanto à educação dos filhos. Não era um orfanato, já que para isso precisaria de uma situação regular e uma ligação com a “assistência pública”, que levaria as crianças para lá (2010, p. 99).

Em 1917, a eclosão da I Guerra Mundial condiciona que Faure considere o fechamento do espaço em que se localizava *La Ruche*. Diante da repressão do estado e do nazismo que vinha se instaurando pouco a pouco no Ocidente. Em *La Ruche*, colaboradores foram dizimados pelo Estado e a Igreja. No mesmo ano, Faure publica em uma coluna de seu jornal *Ce qu'il faut dire...* que *La Ruche* teria suas atividades suspensas em vista do início da I Guerra Mundial.

Em contrapartida, mesmo com a suspensão deste espaço educacional, os anarquistas não deixaram de efervescer seus ideais com métodos alternativos contra o governo e a guerra instaurada. Estas são algumas das experiências que se tem registro a respeito da educação anarquista. Em cada lugar do mundo existem organizações autogestionadas que praticam esses princípios, é uma educação íntegra, que procura observar e auxiliar os seres humanos em sua inteireza e individuação, “a proposta anarquista desenvolveu-se por um caminho ímpar: os trabalhadores deveriam criar eles próprios suas escolas, trabalhando a educação em um meio e com uma orientação bastante diferente daqueles encontrados nas escolas estatal ou religiosa” (GALLO, 1995, p.31).

No anarquismo não se perpetuam relações de poder e essencialmente de discriminação, pois nessa transformação conceitual e estrutural da sociedade as “crianças e

---

<sup>37</sup> Edward Herbert Read, DSO, MC (1893-1968) foi um inglês anarquista, poeta e crítico de literatura e arte. Acesso em: <https://www.anarquista.net/herbert-read/>.

adultos, incentivados a agirem como irmãos. A atitude fraternal, que se procurava estimular entre as pessoas, estava em consonância com o princípio de solidariedade ou apoio mútuo, que norteava a teoria e a prática anarquista” (JOMINI, 1990, p.92). A prática constante dos aspectos culminantes ao antifascismo trará não só benefícios à transformação social, mas à educação, que poderá tornar-se conectada a realidade dos indivíduos que já não se oprimem e não veem necessidade de reproduzir padrões enraizados da sociedade. Estas experiências educacionais revelam um pouco destas teorias e práticas e de que já foi possível concretizá-las.

#### 1.4 A educação anarquista e as escolas autogestionadas brasileiras

No Brasil, é importante destacar o anarquismo e a sua relevância no que diz respeito à educação. Diferentemente do que a história aponta a respeito das pedagogias e práticas educacionais, teria sido o anarquismo essencial a estruturar as bases educacionais brasileiras. Esta importância revela-se não só nas escolas autogestionadas, escolas anarquistas e demais espaços educacionais, pois se têm registro de que o anarquismo teria sido fundamental a concretizar até mesmo a primeira ‘universidade popular de ensino livre’<sup>38</sup>, no Rio de Janeiro, em 1904, contextualizado as revoltas e as greves populares e conseqüentemente no acatamento de muitos trabalhadores ao ideal anarquista.

No Brasil, que fora fortemente influenciado pela imigração, percebe-se que

a imigração italiana para o Brasil condiciona, portanto, a hegemonia do anarquismo no movimento operário brasileiro, principalmente em São Paulo. Os italianos também foram para os outros estados, assim como os espanhóis, sendo que, no Rio de Janeiro, era a maioria ao lado dos portugueses (DEMINICIS; FILHO, 2006, p.32).

De acordo com Rafael Deminicis & Daniel Filho, estes momentos que desdobram os ideais anarquistas provindos dos imigrados ao Brasil, demonstram três momentos cruciais para o estabelecimento destes e do anarquismo: o panorama da classe trabalhadora, as greves e a influência socialista dos imigrados europeus.

---

<sup>38</sup> Aos dois intelectuais anarquistas Manuel Mendonça e Fábio Luz, juntaram-se Elísio de Carvalho, o estudante de medicina J. Martins Fontes, Pedro do Couto, Rocha Pombo, Pausilpode da Fonseca, João Gonçalves da Silva e Maximino Maciel, formando o grupo que publicou, no Rio de Janeiro, mais adiante, a revista Kurtur. Fundaram a Universidade Popular, em 1904. – *História do movimento anarquista brasileiro* – Edgar Rodrigues (2010, p.1) – Tradução de Diego Giménez

O grupo predominantemente anarquista do Rio de Janeiro, a então capital da República, levou estes a pensarem em uma instituição que fosse capaz de instruir os trabalhadores, com o objetivo específico de obter uma maior participação política destes e, de maneira mais ampla, uma mudança social qualitativa – *Instrução e revolução social: a formação da Universidade Popular de Ensino Livre do Rio de Janeiro em 1904* – Eduardo Carracelas Lamela (2017, p. 2).

primeiro, a situação da classe trabalhadora durante o surto industrial no país. Segundo, a conjuntura internacional, marcada pela radicalização do movimento operário com grandes embates a partir do final do século XIX e principalmente início do século XX (basta lembrarmos a Revolução Russa de 1905 e a nova tentativa de 1917, derrotada pela vitória bolchevique, uma contra-revolução burocrática; as tentativas de revolução socialista na Alemanha, Hungria, Itália etc.). O terceiro, a influência das ideias socialistas vindas da Europa, principalmente o anarquismo, que acompanhava os imigrantes italianos (2006, p. 32).

Nesse mesmo sentido, Edgar Rodrigues afirma que uma nova era se instaurava, pois

do velho mundo chegavam as ideias revolucionárias de navio, em livros publicados na Europa. Entravam pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos, atravessavam as fronteiras, invadindo o Brasil um pouco na cabeça de cada imigrante que vinha em busca de liberdade e de terra fértil para semear o anarquismo (2010, p.2).

A classe trabalhadora no Brasil agregou notória relevância à teoria-ação, propaganda, educação e movimentos populares anarquistas. Essa classe de proletários, mesmo advinda da camada mais pobre brasileira e imigrante. De acordo com Deminicis & Filho, estes trabalhadores contextualizados ao trabalho laboral e subsistência demonstram que

a vida fora da fábrica não era muito diferente. As condições de moradia eram precárias, e em São Paulo, os cortiços constituíam a forma mais comum de residência operária. Não havia nenhuma participação do proletariado na política institucional, vigiada e controlada pelo Estado. Nesse contexto, a classe operária buscava resistir, lutar e criar sua própria cultura. Surgem assim as ideias sindicalistas, socialistas e principalmente anarquistas no interior do movimento operário nascente no Brasil. Logo as concepções anarquistas só puderam se desenvolver em solo brasileiro devido à formação da classe operária e sua luta, sendo sua condição de possibilidade (2006, p. 28).

A autora Sílvia Magnani, atesta que a relação entre o operariado paulista e o anarquismo “por um lado, foi fruto das condições sociais vividas pelo operariado, sobretudo seu isolamento político – a exclusão política imposta pelos detentores do poder e a impossibilidade de efetivas alianças com outros grupos sociais” (1982, p. 49). Estas efervescências nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, durante a República Velha, retratam a repressão estatal a qualquer movimentação popular, de caráter anarquista ou não.

Os autores Deminicis & Filho, declaram que

em São Paulo, houve um histórico de repressão política que cresce às primeiras greves operárias e ao surgimento das organizações anarquistas. Leis e decretos foram criados e aplicados numa tentativa de minar as forças do movimento, por meio de expulsões e desterros de estrangeiros e militantes, proibição de formação de entidades políticas, empastelamento de jornais, violência contra as manifestações de rua e prisão de muitos anarquistas e simpatizantes (2006, p. 113).

Plausível de destaque, no Brasil, houve diversos jornais e periódicos anarquistas os quais fizeram referência aos movimentos populares e anarquistas. Nestas publicações, era

possível encontrar diversos escritos relacionados aos temas de interesse destes movimentos, inclusive à educação e à cultura. Alguns destes: *A Lanterna*, *A Plebe*; *A rebelião*; *A Voz do Trabalhador*; *A Voz Operária*; *Boletim da Escola Moderna*; *Germinal*; *Guerra Sociale*; *La Battaglia*; *La Organización Obrera*; *Na Barricada*; *O Amigo do Povo*; *O Artista*; *O Cosmopolita*; *O Início*; *Spártacus*, etc.

Da mesma maneira, no Rio de Janeiro, de acordo com Regina Jomini, “as tendências reformistas dominaram as primeiras organizações operárias, só sendo ultrapassado pelo anarco-sindicalismo por volta de 1906”. A autora complementa que esta teria sido “a corrente anarquista que maior teve influência no movimento operário da Primeira República; enquanto que entre os intelectuais há menção da predominância do anarco-comunismo” (apud; LUIZETTO, 1989 – info verbal, disponível em JOMINI, p. 56).

Neste cenário de adversos desafios do operariado brasileiro, estes indivíduos sentiram a plena necessidade de instituir centros de estudos, escolas, espaços culturais e demais espaços, para crianças, jovens e adultos. No estado de São Paulo, segundo Deminicis & Filho, foram “fundadas Comunidades de Oleiros, que proporcionaram um trabalho educativo com salas de aula para crianças visando à alfabetização, trabalhos artísticos, com peças teatrais anticlericais e revolucionárias” (apud. RODRIGUES, 1984, disponível em JOMINI, p. 34).

Com o intuito de que essas movimentações em prol educacional se tornassem constantes, “os centros de estudos sociais foram numerosos, pois exigiam investimentos de baixo custo: apenas uma sala, poucos móveis, livros para a formação de uma biblioteca e a vontade de alguns elementos de se reunirem para discutir problemas sociais e ideais anarquistas” (JOMINI, 1990, p. 57).

A educação anarquista teve sua proximidade do operariado brasileiro, um determinante para que “a proximidade com relação ao movimento operário fez com que certas escolas fossem vítimas de violência contra os trabalhadores” (JOMINI, 1990, p. 70). Essas escolas relacionadas aos movimentos autogestionados, marca um momento relevante ao tocante das organizações populares, tal qual “em 1912 foi fundada sob intensa mobilização operária, no dia 13 de maio a Escola Moderna I de São Paulo, seguindo as manifestações da morte de Ferrer y Guardiá” (JOMINI, 1990, p. 73).

No Rio de Janeiro, as intensas movimentações do operariado visavam criar comissões de arrecadação de fundos financeiros para o procedimento das escolas que estariam se organizando de forma autogestionada, esses recursos serviriam para as estruturas necessárias à escola, como a formação dos professores, livros, jornais e demais materiais essenciais.

Em 1914 são fundadas outras duas no interior paulista, em Cândido Rodrigues e em Bauru. Mais tarde, em 1918 surgem mais três Escolas Modernas, duas delas em São Caetano/SP. Em contraste ao Estado, em que em 1919 todas as escolas passam a ser fechadas e cassadas pelo governo, atestando até mesmo explosões de bombas nestes espaços, causando a morte de operários e educandos. O operariado não só inspirado pela Escola Moderna de Guardiá, registrou que escolas e propostas educacionais do movimento existiram, podendo-se citar: a Escola Social da Liga Operária, em São Paulo; A Escola Livre 1º de Maio, no Rio de Janeiro e a Escola dos Vidreiros da Água Branca, em São Paulo.

Similarmente, outra ação do operariado brasileiro de notória relevância, foram os Pedreiros da Anarquia.

O estudioso Edgar Rodrigues observa que

a maioria desses ‘pedreiros da anarquia’ estudou nos sindicatos e nos Centros de Cultura Social e aprenderam (sabiam) que Revolução é antes de tudo uma idéia, um sentimento, uma vontade cultural e sociológica; é trabalho e bem estar social distribuído equitativamente por todos, por cada um (RODRIGUES, 2010, p. 38).

Em relação a estes imigrantes e brasileiros, o autor complementa que a relação destes com a educação, arte e cultura compunha de

dezenas, centenas de ‘pedreiros da anarquia’ nascidos na Europa, na América e no Brasil aprenderam quase tudo que sabiam nas sedes dos sindicatos, dos Centros de Cultura Social, nos grupos de teatro libertário e/ou estudando em Escolas Livres, lendo a imprensa operária, ácrata e exercitando seus conhecimentos intelectuais, exercendo ofícios vários, falando aos que sabiam menos e/ou tinham receio de demonstrar o que haviam aprendido na escola da oficina, na universidade da vida. (RODRIGUES, 2010, p. 36).

Notoriamente estes trabalhadores “vinham formando grupos e centros de instrução e educação libertária, ‘trabalhando as pedras’ que ao longo do século XX suportaram perseguições, punições, leis encomendadas pela burguesia, seguidas de expulsões, deportações, prisões, torturas policiais” (RODRIGUES, 2010, p. 42). Um dos focos dos trabalhadores, de acordo com Edgar Rodrigues, era que a educação e alfabetização fossem completas, observando que

a alfabetização dos imigrantes e dos trabalhadores nativos começava nos locais de trabalho, ouvindo seus companheiros, mais preparados e experientes, ler jornais sindicalistas e anarquistas, em voz alta, na hora do almoço, e fazer preleções, quando o ambiente o permitia. Depois iam assistir aos debates e palestras nas Associações de classes profissionais, e os mais aplicados participavam de cursos de alfabetização, profissionalizantes e de militância ideológica (RODRIGUES, 2010, p. 32).

Não é de se deixar despercebido que, ainda de acordo com Edgar Rodrigues, este operariado tinha intensa preocupação com os aspectos culturais e sociológicos de sua comunidade, bem como com a educação e alfabetização de seus filhos

os ‘pedreiros da anarquia’, edificadores de pedaços do Brasil, produtores de alimentos, panos/roupas, calçados, construíram casas, estradas, pontes e carruagens para a burguesia, universidades para os acadêmicos, formaram associações e sindicatos para reunir seus companheiros de ofício, alfabetizar-se, e a centenas de filhos dos operários, e ainda disseminaram cultura sociológica, história social e anarquista (RODRIGUES, 2010, p. 45).

O anarquismo durante o século XIX foi uma quebra de padrões sociais, políticos e culturais relevantes para que se construíssem outras formas de se pensar a educação, a arte e a cultura. No século atual, é possível perceber convergências entre o anarquismo e a contracultura.

Todos esses apontamentos a respeito da educação anarquistas revelam relevância nesse meio de pesquisa ainda hoje, pouco pesquisado. É possível perceber que os métodos da educação anarquistas podem ser associados com os métodos atuais de educação não formalizada, que serão apresentados no capítulo a seguir.

## 2. CONTRACULTURA, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO: O HIP HOP, O RAP E O MOVIMENTO PUNK

Este capítulo tem como objetivo por meio das referências consultadas estabelecer um diálogo entre o hip hop, especialmente o rap inter-relacionando-o ao movimento punk, analisando-os como dois movimentos de contracultura contemporâneos.

O termo contracultura serviu como uma das bases conceituais de análise científica utilizada neste trabalho. Sua descrição por indivíduos participantes do movimento hip hop e do movimento punk, está disponível em documentário realizado no município de Almirante Tamandaré/PR e de Curitiba/PR, disponibilizado nos anexos deste trabalho.

A contracultura, que questiona o *status quo* que a cultura dissemina na sociedade capitalista é embrião da geração *beatnik*<sup>39</sup>. Contudo, essa postura diante da cultura imposta revela seu antecedente durante a Guerra Fria, que por um lado os Estados Unidos da América estiveram impulsionados pelo capitalismo e a União Soviética pelo socialismo.

O termo contracultura, que de acordo com Leon Kaminski, transformou-se essencial para compreensão dos movimentos da juventude do final dos anos 60 na contemporaneidade. Ainda que contextualizado a um cenário de guerra e incessantes rebeliões, a contracultura é uma resposta a hegemonização cultural que na década de 60 vinha sendo propagandeado, mas não vivenciado ou experienciado pelos cidadãos.

a palavra contracultura ganhou repercussão a partir do livro *The Making of a Counter-culture*, de Theodor Roszak, de 1969 (publicado no Brasil em 1972), que buscava analisar as rebeliões juvenis do final dos anos 60. A partir da divulgação e das discussões provocadas pelo livro nos anos seguintes, o termo acabou se tornando um conceito histórico, a reunir diferentes manifestações, díspares e mesmo contraditórias, que se contrapunham à cultura hegemônica de sua época. A maioria dessas experiências relacionadas à contracultura estava ligada à juventude, ela mesma múltipla e multifacetada, não podendo ser compreendida como algo uno e indiferenciado (2019, p. 9).

---

<sup>39</sup> Recebeu o nome de movimento *Beat* ou ainda geração *Beat* o grupo de jovens intelectuais americanos, (escritores, poetas, dramaturgos e boêmios em geral) que entre meados das décadas de 40 e 50 do século XX, cansados da monotonia da vida ordenada e da idolatria à vida suburbana na América do pós-guerra, resolveram, em meio à inspiração de ambientes permeados pelo jazz, drogas, sexo livre e o conceito de "pé na estrada", (ou seja, a exploração física do território americano) fazer sua própria revolução cultural através da literatura. O contexto político e social nos EUA da época da Guerra Fria, no entanto, era bastante repressor e conservador, um obstáculo bastante difícil para o movimento e seus autores. A censura passou a perseguir e proibir diversas obras, que eram taxadas de subversivas, e levadas às cortes para que se processassem seus autores (caso de *Naked Lunch*, de William Burroughs). Acesso em: <https://www.infoescola.com/literatura/movimento-beat/>.

É possível perceber convergência entre a contracultura às práticas anarquistas, conforme definido por Carolina Pereira

o termo “contracultura” pode ser definido como um novo estilo de contestação social ao sistema político-econômico vigente, bem diferenciado da prática política da esquerda tradicional. Este termo foi muito empregado na década de 60 para designar um movimento social libertário, impulsionado pela juventude que se contrapunha aos valores da sociedade Ocidental. A contracultura se desenvolveu principalmente nos Estados Unidos da América, além de outros países, especialmente na Europa, mas também com alguma repercussão, ainda que menor, na América Latina. Desta forma, esta se afirmou como uma cultura à margem do sistema; uma cultura marginal ou anticultura (2016, p. 20).

O conjunto Restos de Nada, na música *Filhos das ruas*, do álbum *Restos de nada II*, lançado em 2001, define que o punk seria uma contracultura que não é de interesse da sociedade, por vezes discriminado por seus hábitos de liberdade.

Somos das ruas por sermos sujos  
Rejeitados por sermos loucos  
Somos aquilo que você não procura  
O produto da contracultura

A juventude que se contrapunha aos padrões da sociedade e das classes dominantes, conforme definido por Ken Goffman e Dan Joy, seria diversificada entre movimentos contraculturais e subculturais subdivididos entre

Punks, artistas de vanguarda, o *underground* do hip-hop, ativistas anti-globalização e anarquistas do *black bloc*, tecnoculturalistas e hackers de leitura alternativa, fãs de *Culture Club*, rappers conscientes, psicodélicos educados, homens bomba, primitivos modernos com implantes de aço e piercings pendurados em todos os órgãos, o underground sexual, pagãos, acadêmicos pós-modernos, funkistas, *new agers*, riot grrls, insubordinados, *ravers*, *dreadlocks* da natureza, zen budistas, gnósticos, iconoclastas solitários, fãs de *Grateful Dead*, *slammers* de poesia, góticos, ambientalistas, libertinos e libertários - todos são algumas vezes definidos (e autodefinidos) como contraculturais (GOFFMAN; JOY, 2004 ,p. 51, tradução nossa).

O conjunto Restos de Nada, em sua música *Classe dominante*, do álbum *Restos de nada*, de 1987 traz em sua letra repúdio às classes dominantes e um informativo à juventude punk

Eles vem nos dominar  
Possuem armas mortais  
Para conseguir matar  
Usam de meios morais

Temos que liquidar  
A classe dominante  
Temos que liquidar  
A classe dominante

Matam a nossa vontade  
 Todo o trabalho feito por nós  
 Tiram nossa liberdade  
 Perdemos muitos heróis

Analisando que mesmo havendo vários movimentos que se encaixariam como parte da contracultura, o autor Rafael Ribas sublinha que “de fato a liberdade acaba sendo uma palavra chave para a contracultura. Ao mesmo tempo em que os jovens evocam uma igualdade social em termos de direitos, eles clamam pelo direito individual dos sujeitos serem diferentes” (RIBAS, 2016, p. 19). Ideia esta que se assemelha aos ideais anarquistas de liberdade, que fora exposto no primeiro capítulo.

Esse ponto de vista pode ser associado à música *Norte Nordeste me veste*, do rapper RAPadura, lançada em 2010. O *rapper* exalta a particularidade artística, cultural e poética dos nordestinos, em que cita patrimônios imateriais da cultura nordestina, muitas vezes ignorados.

Êha! ei! nortista agarra essa causa que trouxeste  
 Nordestino agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste  
 Êha! hei! nortista agarra essa causa que trouxeste  
 Nordestino agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste

Minhas irmãs, meus irmãos, se assumam como realmente são  
 Não deixem que suas matrizes, que suas raízes morram por falta de irrigação  
 Ser nortista & nordestino meus conterrâneos num é ser seco nem litorâneo  
 É ter em nossas mãos um destino nunca clandestino para os desfechos metropolitanos

Embora seja impossível alegar qual destes movimentos iniciou primeiro no Ocidente ou até mesmo no Brasil, após algumas buscas, o movimento punk revela suas raízes antecedentes ao movimento hip hop brasileiro, mesmo que por pouca diferença temporal.

A contracultura punk surge em meio a um caos econômico ao redor do mundo. De acordo com o autor, é possível perceber que

o surgimento do punk como contracultura urbana durante a década de 1970 é marcado pelo contexto histórico de crises nos campos cultural, social e econômico ao redor do mundo. Muito mais do que um fruto das crises geradas pela crise do petróleo de 1973, o *punk* surgiu principalmente devido ao descontentamento da juventude inglesa e norte-americana com os modelos de cultura e convivência juvenil presentes nos anos 1960, especialmente dos hippies (SANTOS, 2016, p. 1).

Os analisam que o movimento punk realizou feitos que até então outros movimentos não haviam conseguido concretizar de maneira autônoma e mutualista.

À medida que a década de 1970 vazava na década de 1980, um núcleo resistente de grupos *hardcore e punks* orientados ao anarquismo desenvolveram-se instituições alternativas coerentes, habilidosas e resilientes, com as quais a esquerda apenas sonhou. Selos de música alternativa, clubes de *performance*, zines, clubes de troca de fitas, vídeos e filmes independentes surgiram da estética *punk*. Coletivos e grupos políticos *punk* ajudaram jovens de contracultura a sobreviver à era Reagan / Thatcher e forneceram as tropas para vários protestos antissistema durante esse período. As comunidades anarcho-punk <sup>40</sup>em breve poderiam ser encontradas em quase todos os lugares: no México, na Europa Oriental, quando as muralhas stalinistas estavam caindo, nos Bálcãs, em meio a todos os problemas por lá (GOFFMAN; JOY, 2004, p. 341, tradução nossa).

Contudo é importante ressaltar que relacionar o movimento punk ao anarquismo não é uma premissa contundente, pois, nem todo punk é anarquista e nem todo anarquista é punk. Os ideais de liberdade individual não devem se confundidos com os ideais políticos que o anarquismo enquanto filosofia política determina. Um indivíduo punk e anarquista influi em uma série de responsabilidades sócio-política em relação ao grupo que pertence e à sociedade em que mantém contato, exercendo uma responsabilidade social e política de intermediação entre os mesmos.

A ligação de uma simples atitude punk inicial ao ideário anarquista parece difícil determinar a preferência por alguma vertente em particular, ou por várias ao mesmo tempo, no conjunto do movimento. Sequer formamos uma ideia acabada sobre o significado do anarquismo na perspectiva punk, uma vez que, se inquiridos sobre o assunto, eles sempre se declaram, antes de qualquer coisa, punks (GALLO, 2008, p. 751-752).

No entanto, mesmo que não haja uma convergência com qualquer tipo de partidarismo, isto não influi no fato de que “o movimento punk, entretanto, não deixa de ser político, mesmo nas suas facções não-anarquistas, uma vez que promove um combate diário e em pequena escala contra as teias do poder” (GALLO, 2008, p. 756).

O conjunto Horda Punk, em sua música *Anarquia proposta nunca imposta*, do álbum *Faça amor não faça guerra*, lançado em 2008, retrata a anarquia como um caminho comum aos indivíduos que estiverem contra a qualquer tipo de repressão que não vise a liberdade e a igualdade.

Essa música pode ser conectada com o primeiro capítulo deste trabalho, em que afirmou-se a diferença entre anarquismo e anarquia. O anarquismo é um ideal político não partidário, a anarquia é a própria liberdade, eis a diferença.

Contra toda imposição do dogmatismo  
 Nos recordemos da tirania histórica  
 E não nos falte à força necessária

---

Para ser intenso como uma retórica  
 Que ninguém mais seja um comandado  
 Para que ninguém imponha uma vontade  
 Para acabar com toda autoridade  
 A Anarquia é o caminho inevitável

Vamos caminhar rumo à igualdade  
 Sem opressão do homem pelo homem  
 Sempre que se impuserem com a força  
 Vamos rebater a força com a força

Mesmo que estejamos perseguidos e fatigados  
 Anarquia proposta nunca imposta  
 Mesmo que estejamos com medo e cansados  
 Anarquia proposta nunca imposta  
 Usaremos sempre a força contra a força  
 Anarquia proposta nunca imposta

Não importa a envergadura do governo  
 Não nos impede de ser um combatente  
 Toda vez que se enfraquece a autoridade  
 Toda vez que conquistamos liberdade  
 Toda a vitória sobre o patronato  
 Todo o esforço contra sua exploração  
 Toda a vitória da classe operária  
 Toda a batalha contra a sua coação  
 Quando o governo é aceito como inimigo  
 A anarquia é um passo eminente  
 Vamos caminhar rumo à igualdade  
 Sem opressão do homem pelo homem  
 Sempre que se impuserem com a força  
 Vamos rebater a força com a força

O conjunto Razão Social, em sua música *Somos punk*, da coletânea *Dos becos das favelas do terceiro mundo*, lançada em 1999 define que o punk não seria uma ideologia com inclinação política.

Não somos da esquerda, não somos da direita  
 Somos punk, somos punks  
 Não somos da esquerda, não somos da direita  
 Somos punk, somos punks  
 Não queremos o nacionalismo  
 Não queremos o fascismo  
 Não queremos os nacionalistas  
 Não queremos os fascistas

As movimentações de protesto sociopolítico da década de 60 revelam o inconformismo da juventude em relação ao Estado. Foi durante a criação destas novas identidades, opostas ao padrão vigente das classes dominantes em que a contracultura tornou-se um pilar desta nova construção contracultural e sociológica do Ocidente e das Américas.

os novos movimentos sociais que emergiram durante os anos 60 foram um grande marco para a época, entre eles as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais, as lutas pelos direitos civis e os movimentos revolucionários do ‘terceiro mundo’. A década de 1960 também testemunhou a articulação de novas identidades individuais e coletivas, baseadas em raça, etnia, sexo e orientação sexual nos Estados Unidos e na Europa (PEREIRA, 2016, p. 23).

No Brasil, os movimentos contraculturais e subculturais foram efervescidos durante a Ditadura Militar em 1964 e durante a criação do decreto AI-5, em paralelo ao tropicalismo, aos *hippies* e demais movimentos que como não são objeto de estudo desta pesquisa, não serão aprofundados.

O conjunto Cólera, em sua música *Hino*, do álbum *Acorde! Acorde! Acorde!*, lançado em 2018, relembra a censura durante a Ditadura Militar, essencialmente ao movimento punk, que desde então resiste à censura não só da mídia, mas da própria sociedade.

1979!  
 Vive sem liberdade  
 A esperar, esperar  
 Anos 60 era a repressão  
 Era o golpe, a ditadura militar  
 Anos 70 a explosão  
 Acordar!  
 Molecada tá na rua com guitarra e bateria  
 Todos estão dizendo que o som já vai chegar  
 Já chegou! Punk rock n' roll  
 A censura, a censura, a censura não vai aprovar  
 Não vão nos calar!

A *rapper* Sharylaine, em sua música *Livre no mundo*, gravada em 2012, demonstra que esta realidade de censura, reflexo da Ditadura Militar brasileira ainda se mantêm nas mídias de comunicação.

Reconheço personalidades da atualidade  
 Que chegaram depois das grandes ditaduras  
 Que me usam como expressão de liberdade  
 Contra regimes extremos, guerrilhas e torturas  
 Estou em becos e vielas  
 Eu estou na rua  
 Nas segregações e nas grandes metrópoles  
 Trago a minha forma de pensar, a minha leitura  
 Esperando que a mídia não me dê um corte

O movimento *punk* “atingiu em sua maioria jovens da periferia e do subúrbio da grande São Paulo, nos demais estados o movimento concentrou-se nas capitais de Porto

Alegre, Salvador e Brasília, na qual, teve a aderência de jovens da classe média (JUNIOR; ROSSETI, 2015, p. 5).

O conjunto Guerrilha Suburbana, na música *Punk da favela*, lançada entre 1990-91 em fita cassete, cita a presença do movimento punk periférico no Rio de Janeiro.

Na central à Santa Cruz  
 Tu vai nos achar  
 Escondido entre as favelas  
 É que tu vai nos encontrar  
 Clamo a anarquia  
 Por uma melhoria  
 Clamo por justiça  
 É o punk da periferia  
 Na baixada, no subúrbio  
 Longe da burguesia  
 Ele está sempre presente  
 É o punk da periferia  
 Na Rocinha, Na Vintém, lá também tem  
 Escondido nas vielas  
 É o punk da favela

A contracultura punk nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro contaram com a presença de muitos indivíduos residentes em periferias e subúrbios e seu surgimento

durante a segunda metade da década de 70, desenvolveu-se, guardada as devidas proporções, em consonância com o quadro de crises nos países capitalistas centrais. Portanto, assim como o surgimento do punk em países como Estados Unidos e Inglaterra, o punk brasileiro também surgiu como uma nova perspectiva de organização juvenil em meio a um quadro de desemprego e poucas oportunidades, o que impactava principalmente os jovens da classe operária das grandes cidades (SANTOS, 2016, p. 17).

O autor ‘Valo Velho’, em seus escritos sobre o movimento punk brasileiro, comenta que “na segunda metade da década de 80 sabíamos da existência de três tipos de punks: os da mídia nos filmes de cinema americano, os das ‘bandinhas’ e os dos subúrbios” (VELHO, 2019)

O movimento punk em toda sua essência recusou às tendências da sociedade moderna e capitalista. É possível perceber inúmeras formas alternativas de comunicação, divulgação midiática, literária e até mesmo musical no movimento em que

a mídia declarava a morte deles, quando nos anos 80 ressurgem no *Hardcore* -em sentido literal, miolo duro- como uma nova forma, mais radical e politizada que se disseminou pela Europa e EUA. Os punks passaram então, à recusa total da mídia e do mercado estabelecendo como substituto um sistema de comunicação próprio com a confecção artesanal de *flyers* e *fanzines* cuja circulação ficava restrita ao universo *underground* (GALLO, 2008, p. 751).

Essa negação às tendências comerciais se revelou até mesmo nas maneiras alternativas de realizarem seus eventos artístico-musicais

como recusa ao sistema comercial dos shows, criaram *gigs* de apresentação de bandas formadas com equipamentos rudimentares que produziavam um som bruto, sem o trabalho de acabamento oferecido pelo aparato tecnológico como acontecia com as demais bandas do circuito comercial (GALLO, 2008, p. 751).

Ainda que o movimento *punk* ateste suas particularidades no que diz respeito à música, à produção cultural e à estética de seu visual, tiveram similaridade com outros movimentos, inclusive o movimento hip hop, na atualidade.

Se no refluxo do final dos anos 70 os punks fecharam-se ao contato com a sociedade, hoje, apesar de permanecerem fiéis a uma ética bastante dura e de caráter seletivo, certos grupos admitem contatos com pessoas ou grupos não-punks e, pode-se observar, vez por outra, a troca de experiências deles com o hip hop e até com os movimentos dos sem-teto e o MST, seguindo uma tendência atual dos movimentos sociais de estabelecimento entre si de relações horizontalizadas (GALLO, 2008, p. 756).

O segundo movimento que fora citado, o hip hop, é um hibridismo entre a realidade das periferias nos Estados Unidos e também a influência da musicalidade e dos protestos político-social jamaicana, pois de acordo com Júlia Pinto e Cristiano Biazzo, o movimento

surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1960, no bairro do Bronx em Nova York e teve como influências o movimento reggae proveniente da Jamaica, com cantores como Bob Marley e suas letras discutindo questões sociais e políticas. Outras influências do gênero foram os líderes do movimento negro, como Marcus Gavey, Martin Luther King e Malcon X (2006, p. 2).

Esse hibridismo, conforme observado pelo autor Milton Novaes, seria pelo fato de que o hip hop “se mistura com os costumes das localidades que frequenta, formando novas maneiras de se fazer música, arte, dança, e, principalmente, expande a maneira de pensar do povo” (2014, p. 53).

Se relacionado ao ponto de vista de Wivian Weller, encontra-se convergência deste hibridismo até mesmo na música, pois estaria relacionado à diáspora.

A música é o canal condutor do diálogo entre o Atlântico negro e uma das formas visíveis do processo de hibridização e do surgimento de sincretismos. Novos estilos musicais são vistos como produtos da diáspora transatlântica e como símbolos importantes na construção da identidade negra (2011, p. 26).

Considerando que no Brasil, o rap teria sido o emergente para a difusão do movimento hip hop, o estilo musical tornou-se uma ferramenta de preservação da cultura afro-latina-brasileira. O autor Jaisson Hinkel, observa que

o rap contribuiu significativamente para a consolidação do movimento hip-hop no Brasil, na medida em que se ocupou de dois temas centrais: o primeiro relacionado à reconstrução da identidade negra e, o segundo, à experiência de desqualificação social vivida pela juventude da periferia, transformando-se num importante instrumento de resistência e de preservação da cultura negra (2008, p. 29-30).

É possível ainda perceber que o hip hop tem procurado o revisionismo dessa história a partir da luta coletiva

por reconhecimento dos legados e tradições culturais de onde nasceu o hip hop. Em primeiro lugar, e acima de tudo, isso significa o legado da juventude urbana negra e latina que deu a origem a essa forma de criatividade cultural. Esse legado é o de uma conquista afirmativa criativa e sobrevivência notável nas condições de opressão especial e frequente desespero. Mas essa luta pelo reconhecimento da experiência histórica dos criadores do hip hop é a mais difícil e delineada do que a de qualquer artista individual. As apostas são altas e a luta é coletiva ou do grupo, não individual (DARBY; IRWIN; PITTMAN; SHELBY, 2006, p. 63).

Essa premissa da reconstrução histórica coletiva dos povos afrodescendentes, latinos e brasileiros é evidenciada na música de MV BILL, Kamila CDD e NGA, *Um só coração*, lançada em 2017. Na música citam nomes de importantes figuras negras brasileiras, o orgulho negro e a memórias da Ditadura Militar.

Seja bem vindo ao meu mundo sinistro  
 Nessa viagem não tem que ter visto  
 Conexão, desenvolvendo a visão sem escravidão  
 Eles não sabem da nossa meta, do nosso plano  
 Juntar a Cidade de Deus, brasileiro e africano  
 Encontro lusofônico, impacto supersônico  
 Tentar negar a nossa existência é irônico  
 O *beat* é do DJ Caique  
 Levando a bandeira de sangue de Salvador a Moçambique  
 Levantando pedra, construindo nossa rede  
 Sabotage no Canão, Boss AC em Cabo Verde  
 Vacilão não cola, quem tá ligado não enrola  
 Que um discurso inflamado da cadeia na Angola  
 Guiné-Bissau, São Tomé, Macau, Portugal  
 Nós é tudo igual, na mira da lei, salve geral  
 Infiltrados nessa cena que revigora  
 Mais poderoso, mais preto  
 Por dentro e por fora  
 A questão levantada não é mera retórica  
 A saga de guerrilha de quem luta é histórica  
 Pra levantar favela  
 Um pouco de Zumbi, (Dandara) e Mandela

Mesma língua, um só coração  
 Movimento, resistência que brota do chão  
 Sentimento que não cala, não gostamos de senzala  
 Temos liberdade pra andar na contra mão  
 A gente tem a mesma língua, um só coração

Movimento, resistência que brota do chão  
 Sentimento que não cala, não gostamos de senzala  
 Temos liberdade pra andar na contra mão

Eu sou filho da Clementina  
 E filho da vida dura  
 Neto da ditadura  
 Um mulato, uma mistura  
 Tanto índio da Amazônia

Como preto das colônias  
 E sangue da escravatura  
 Sou soldado nessas ruas  
 Olhado como um recluso  
 Odiado porque pra eles  
 Eu não passo de um intruso  
 Então cresci confuso  
 Até perceber que primeiro sou homem  
 Depois sou negro, depois sou Luso  
 Sou a muamba, a mulemba  
 O fardo, e o kuduro  
 E eu tenho samba, eu tenho semba

Eu sou o passado, o presente e o futuro  
 Conhecimento mata a sede, então a gente bebe  
 E não perde aquela veia rebelde  
 Porque é o que a rua pede  
 Mesma língua, mesma fonte  
 Caique fez a ponte de sul a norte  
 Não interessa a cor da pele ou do passaporte  
 Unidos somos mais fortes, como o mar e o céu no horizonte  
 Então o meu obrigado à mana Kmila e ao mano Bill  
 E à toda minha família angolana no Brasil, yo

A releitura a partir do rap e dos elementos do hip hop possibilitaram a comunidade negra um reconhecimento de sua história e de que estes teriam ferramentas, como a música para que sua ancestralidade fosse remontada. Bem como para que abordassem questões essenciais, como por exemplo, o racismo e a marginalização provenientes das classes dominantes.

Essa crítica revela-se como um posicionamento convergente à contracultura, que em suas bases não acredita que haja um padrão de bem estar social, econômico e político a ser seguido, mas a garantia de todos esses aparatos independente de classe, etnia ou gênero

A partir do ‘autoconhecimento’ sobre a história da diáspora negra e da compreensão da especificidade da questão racial no Brasil, os rappers elaboraram a crítica ao mito da democracia racial. Denunciaram o racismo, a marginalização da população negra e dos seus descendentes. Enquanto denunciavam a condição de excluídos e os fatores ideológicos que legitimavam a segregação dos negros no Brasil, os rappers reelaboraram também a identidade negra de forma positiva. A afirmação da negritude e dos símbolos de origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo-se a ideologia do branqueamento, orientada por símbolos do mundo ocidental. Redefiniram dessa forma as relações raciais normalmente vistas como cordiais. Para os rappers, a condição

concreta da população negra no Brasil indica que o discurso de cordialidade é apenas uma máscara que precisa se retirada (ANDRADE; SILVA, 1999, p. 29-30).

Essa postura antirracista à história, foi retratada na música de Kamila CDD, *Preta cabulosa*, do álbum *Preta cabulosa*, lançado em 2017, o racismo e o sexismo estrutural.

Não gosta da minha cor, tomou o posto de inimigo  
Do time Vida Longa, no pique de mulher  
Foi preciso atitude, não perder a minha fé  
Não deixei me rebaixar, não aceitei me esculachar  
Se tentar fazer graça, eu vou te pôr no seu lugar  
Preconceituoso não passará  
Conteúdo venenoso te pegará  
Vagabundo invejoso vai criticar  
Incomoda ver os pretos assumindo o seu lugar  
Eu sei que é foda ser a última escolha  
Tem que ter autoestima e não deixar que te encolha  
'Tô' dando a letra  
Primeiro vem os brancos, depois o homem preto  
E lá no fim a mulher preta  
Que surge lá no fundo, com sabedoria  
Ocupando seu espaço na diretoria  
Com orgulho, lá no alto

A realidade vivenciada pela mulher negra, periférica e que estão fora dos padrões em que a sociedade e a mídia fomentam, são retradadas também pela música *Padrões da Farsa*, do grupo de rappers A's Trinca, lançada em 2017.

Eles nos querem sensuais  
Cabelos longos, lisos, loiro  
Salto alto e corpo escultural  
Fale somente o que eles querem ouvir  
Cause no sexo oposto desejos sexuais  
E mostre a maior quantidade de pele possível  
Não porque você queira mostrar  
Mas porque assim eles se excitam

Bem longe dos manequins, cintura fina, quadris  
Cabelo liso, salto alto, ideias fúteis enfim

Pra que vim? quebrar regras, então escuta e me diz  
Escravas da magreza, indústria da beleza, Paris  
E seus padrões comerciais, capas de revistas, jornais  
Tratam mulheres normais, como se fossem banais  
Nos olham da cabeça aos pés depois desviam o olhar  
Mas marginal tem estilo, e ninguém consegue imitar

Debocham das nossas roupas só porque não entendeu  
Que o seu padrão europeu nunca se encaixou com meu  
Mas quando vê na TV não é mera coincidência  
Nosso estilo maloca já se tornou tendência

Eles não querem ideologia, querem marionetes  
 Mulher pensante quebra regras, por isso eles não investem  
 É sempre a mesma luta provar que somos capaz  
 Constantemente, incessantemente, sempre mais

Mina de quebrada que canta um rap sempre assusta  
 Chega na tela mostra ideia, além de mostrar a bunda  
 Abra sua mente e escuta, rap também é musica  
 Popular periférica, desfrute dessa cultura

E pra que eles iriam querer alguém com capacidade de gerar opinião  
 Vomitando ideologia na mente daqueles que eles levaram anos pra manipular

Nariz largo, boca carnuda, olhos arredondados  
 Palavreado sem censura típica da rua  
 Vivência de quebrada monto e desmonto  
 Mas a ancestralidade não passa

Pele pigmentada sou a verdade na raça  
 Etnias misturadas, nascida em terra sagrada  
 Declamo rimas fraseadas, descontrolo minha alma  
 Padrões da farsa, não comprarão minhas palavras

A rapper indígena Kaê Guajajara, em *Mãos Vermelhas*, do álbum *Uzaw*, lançado em 2020, atesta a violência cometida aos povos indígenas em sentido cultural e social atualmente.

É o Brasil que ninguém vê  
 Tic Tac, Tic Tac  
 O agro não é tech, não é pop e também mata  
 Veste rosa ou azul com as mãos manchadas de vermelho  
 Vejo os meus filhos se perguntando se você os mata ou eles se matam (se você os mata ou eles se matam) primeiro  
 Você não sabe ninguém viu  
 Mas ficou cravado na minha memória  
 Pega no ar se você sabe a história  
 Legalizam o genocídio  
 Chamam de pardos para embranquecer  
 Enfraquecer, enaltecer e desestruturar você  
 Para não saber de onde veio  
 E conta a história da bisa da sua bisa que era índia  
 Tu não é preto, nem branco e nem indígena  
 O suficiente pelos os fiscais de ID  
 Ninguém é ilegal em terra roubada  
 To renascendo da cinza do fogo em que queimaram meus ancestrais  
 Ainda resistimos, em tantos tons e vivências

Muitas letras de rap parecem tratar dos temas vivenciados com linguagem agressiva, mas considerando que esses temas são comuns na periferia, o rap revela que para qualquer pessoa que o ouça, compreenderá a mensagem, em que a

a chave é exprimir a violência mediante uma pesada expressão poética; em combates simbólicos, líricos e rítmicos que não destruirão corpos, mas aguçarão a mente, animarão o espírito e criarão uma gloriosa tradição artística que pode ajudar no crescimento do orgulho

cultural, perfil social e potencial econômico dos afroamericanos (DARBY; IRWIN; SHELBY; SHUSTERMAN, 2006, p. 73)

Os temas são retratos da realidade social, cultural, política e econômica das comunidades, e essencialmente, a contestação do embranquecimento de seus símbolos culturais, pois

o rap torna-se um canal de produção de novos elementos e símbolos culturais da população negra, os quais, muitas vezes, são conflitantes com os elementos aceitos pela sociedade branca, constituindo-se num instrumento da contestação e questionamento da realidade social: Primeiramente, podem ser colocadas como principal fator para manutenção, preservação de valores, estigmas e preconceito, ou seja, pela estabilidade de determinado *status quo*; ou podem ser o ponto de partida para gerar inquietações que podem surgir no interior da sociedade, questionando o imaginário idealizado e produzindo um imaginário conflitante (ANDRADE; TELLA, 1999, p. 58).

Em resgate histórico de Elaine Nunes de Andrade, percebe-se que as raízes do rap

podem ser encontradas entre a população historicamente escravizada tanto no Brasil quanto nos EUA. No Brasil, os ganhadores de pau, que vendiam água nas ruas de Salvador, utilizavam-se do canto falado em que o MC (Mestre de Cerimônia) conduzia o grupo. Nos EUA, houve os escravos das fazendas de algodão no sul do país, os *griots*<sup>41</sup>, que também se utilizavam desse estilo de cantar. É um exemplo básico da transcendência negra: não importa onde estejam seus descendentes, há referências a culturas de origem africana que permanecem por gerações (ANDRADE, 1999, p. 87).

A autora Elaine Nunes de Andrade complementa de que no Brasil “o hip hop surgiu no início dos anos 80, na capital paulista, entre os jovens de maioria negra. Foi por meio dos bailes e das lojas específicas de musicalidade negra que o hip hop passou a ser conhecido” (1999, p. 88).

É importante observar que “o hip hop emergiu principalmente das comunidades urbanas negras e mulatas no exato momento em que a maioria dos políticos e autoridades brancos estavam decidindo que essas comunidades eram reflexos patológicos da sociedade “normal” (DARBY; IRWIN; SHELBY; TAYLOR, 2006, p. 91). Um racismo estrutural que deu voz a revolta por meio da música e da poesia.

O caráter crítico e de exposição das realidades vivenciadas pelos jovens das periferias, o grupo Racionais Mc's. Em sua música, *Capítulo 4, versículo 3*, álbum *Sobrevivendo no inferno*

---

<sup>41</sup> Chama-se **griot** (pronúncia: "griô") ou ainda jeli (ou djéli) um personagem importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, cuja função primordial é a de informar, educar e entreter. Acesso em: <https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial  
 A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras  
 Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros  
 A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Na década de 80, um dos expoentes do rap nacional, Thaíde & DJ Hum, em *Corpo fechado* na coletânea *'Hip hop cultura de rua'*<sup>42</sup>, de 1988, também revelou que a busca da educação autônoma era uma realidade

Não há nada nesta vida que eu já não fiz  
 Vivo nas ruas com minha liberdade  
 Fugi da escola com 10 anos de idade  
 As ruas da cidade foram minha educação

O autor Rosenverck Santos, aponta que “vivenciar a rua, o dia-a-dia das pessoas, lutar pela melhoria das condições de trabalho e salário, também, constituem práticas educativas formadoras” (2009, p. 6). O autor ainda complementa que

o movimento hip hop, não nega a importância da educação formal e do estudo, mas por outro lado, tem desenvolvido uma prática educativa fora das instituições oficiais de ensino que contribui, tanto na formação de uma identidade étnico-racial, como também, para a constituição de uma consciência voltada aos interesses das classes populares (2009, p. 7-8).

O autor Milton Novaes, sublinha que “a conexão com outros movimentos faz com que o hip hop dialogue em outros campos e faz também que estes movimentos tenham linhas e pensamentos cada vez mais íntimos e semelhantes, mantendo então conexões muitas vezes inesperadas (2014, p. 56)”. O autor revela que esta semelhança entre o movimento punk e hip hop brasileiro, seria possível.

Nos Estados Unidos, ambas a contraculturas em suas similaridades revelam que os *hip hoppers* estiveram “moldando um estilo de vida em conjunto com a subcultura punk predominantemente branca que se concentrava em *East Village* de Nova York e a boate CBGB em Bowery. A cultura hip hop desenvolveu sua própria estética de arte fora-da-lei de faça você mesmo” (GOFFMAN; JOY, 2004, p. 341, tradução nossa).

Uma música que destaca a convergência entre esses movimentos contraculturais da década de 70, que fora lançada em 1982, nomeada *Punk rock rap*, do álbum *Tuff city records: original old school recordings – Vol. 1* do grupo de hip hop, Cold Crush Brothers evoca a liberdade e construção coletiva dos movimentos.

---

<sup>42</sup> A coletânea foi o primeiro registro fonográfico dos grupos ativos na década de 80. A coletânea traz a tona o retrato do movimento hip hop que acontecia na estação do metrô Largo São Bento, em São Paulo, em que *mc's*, grafiteiros, *b-boys*, e *dj's* se encontravam para realizar os eventos e trocar conhecimentos da contracultura que vinha eclodindo nos Estados Unidos. Acesso em:

Se você pode ‘punk’, então você pode rock  
 Então, enquanto você ‘punk’, nós vamos rap  
 (Porque nós fazemos assim)

Rap do punk rock  
 (Nós podemos fazer isso, e você também)  
 Rap do punk rock  
 (leva apenas um minuto ou dois)  
 Rap punk rock  
 (agora você conseguiu, está quase pronto)  
 Rap punk rock  
 (pegue alguém e vamos nos divertir)

O *rapper* J.P.E.G.M.A.F.I.A, que assume em sua música a mescla entre o estilo punk – rap, em entrevista para BBC Culture, comenta que ‘no início dos anos 80, quando os rappers não podiam se apresentar em locais chiques, porque a polícia era muito racista e assustada. Eram os locais punk que os deixavam se apresentar’<sup>43</sup> (HOBBS, 2019).

O grupo de *rappers* Câmbio Negro, em sua música *Ceilândia: Revanche do gueto*, do álbum *Diário de um feto*, de 1995, experimenta a mistura dos estilos, com traços do punk e do *hip hop*. É possível também observar no álbum *Sub-raça*, de 1993 a similaridade entre os estilos.

Com o passar dos tempos a periferia passa a ter voz  
 Não que não houvesse no passado só que nos *b-boys*  
 Éramos mais oprimidos que na atualidade  
 Seguindo em frente rap nacional é a revanche do gueto  
 X diz a verdade  
 Na hora grande é a hora em que tudo acontece  
 Mal ta solto na rua a mortalidade crescer

Em sua música *Esse é meu país*, do álbum *Câmbio negro*, lançado em 1998, no estado do Distrito Federal, Ceilândia, o grupo ressalta a realidade da educação do país, bem como aspectos sociopolíticos enfrentados pelos cidadãos. A mistura entre os estilos às linhas de *groove* marcante deixa uma mensagem de reflexão e esperança de que os aspectos vivenciados pelo povo brasileiro adquiram outra perspectiva.

Igualdade racial social  
 Negro e branco tratado de igual pra igual  
 Boas escolas, analfabetismo inexistente  
 Saúde em alta, bons hospitais atendimento eficiente  
 Mortalidade infantil há muito eliminada  
 Pobreza não se vê foi erradicada  
 Criminalidade cai 90%  
 Todos têm moradia ninguém ao relento

<sup>43</sup> Entrevista completa disponível em:

<http://www.bbc.com/culture/story/20191015-how-todays-rappers-are-resurrecting-the-spirit-of-punk>.

Policiais educados, segundo grau completo  
 Recebem salário digno equipamento moderno  
 Não abusam do poder não há brutalidade  
 Admirados por todos da comunidade  
 Honestidade na política admirável

Mulheres no governo, com certeza invejável  
 Tratadas como se deve, com respeito devido  
 Não mais como cadelas e sim como indivíduo  
 Vários negros no senado trabalho reconhecido  
 Anos de faculdade lugar ao sol merecido  
 Vendemos tecnologia para o mundo todo  
 Cientistas brasileiros sempre sempre no topo  
 Recebem prêmios e prêmios no exterior  
 Criam o mais moderno computador

Aqui é o nosso país  
 Brasil primeiro mundo todo mundo feliz  
 Esse é o meu país  
 Primeiro mundo Brasil todo mundo feliz

Segurança no trânsito crianças sempre sorrindo  
 Prêmio Nobel dado a um físico nordestino  
 Atletas inigualáveis apoio total do governo  
 Escolas de atletismo pelo país inteiro  
 Idosos têm os seus direitos assegurados  
 Aposentadoria nunca atrasa, bem remunerados  
 Na universal ninguém é enganado  
 Pastores não roubam ninguém são uns pobres coitados  
 Voz do Brasil programa de qualidade  
 No Brasil toda uma unanimidade  
 Sempre atual diversificado eficiente  
 Anos e anos na ativa sempre competente  
 Rap nacional sempre difundido  
 Letras inteligentes 'trampo' descente, bem produzido  
 Não se confunde liberdade de expressão com desacato  
 Espaço garantido artistas de fato  
 Vários discos de ouro reconhecimento  
 População bem informada respeita o movimento  
 Levando a sério objetivos alcançados  
 Povo da periferia não é mais humilhado

Aqui é o nosso país  
 Brasil primeiro mundo todo mundo feliz  
 Esse é o meu país  
 Primeiro mundo brasil todo mundo feliz

Rap nacional sempre difundido  
 Letras inteligentes trampo descente bem produzido  
 Não se confunde liberdade de expressão com desacato

O grupo Pavilhão 9, em sua música *Planos, mapas, esquemas*, do álbum *Reação*, lançado em 2000 contextualiza a realidade do cidadão brasileiro que à margem do capitalismo

não tem acesso às condições básicas de acessibilidade ao trabalho, saúde e moradia. O grupo também marca a fusão entre punk e o rap.

Nosso grito com respeito desenhando o pensamento na ativa  
 Infelizmente o país da propina  
 País do povo ou país da policia ? Ha há  
 Com a sua licença, sou obrigado a dizer  
 Mas que porra que é essa? Não reconheço você..  
 Pensando sobre pressão, te impondo questão  
 Não consigo respirar no meio da confusão  
 Te levo na levada desse groove  
 Mesmo que você fique parado, imune  
 Fim do pavio, isso não é ameaça  
 Atenção em dobro, alerta pro povo

Planos , mapas , esquemas

O território é cercado,  
 Grades, muros, sufoco, medo, desespero, ganância,  
 Dinheiro, lei cega, suja, surda, ruas, avenidas, confusão geral,  
 Calamidade total, diferença social  
 Parado no farol vidro fechado se aproxima na espera do trocado geralmente é esquecida  
 O futuro se encontra em estado de alerta  
 Demoliram as casas, morando em barracas, desapropriadas, varias famílias  
 Sem saber quem é dono, o insistir no abandono, resumo, sistema capitalista  
 Rebelião, tudo de novo, sistema carcerário, nota zero, sentado espera que tudo mude  
 Você se ilude, não acredita,  
 Então se liga, nas escolas voltamos aos tempos do *bang bang*,  
 Quem saca primeiro, quem é mais ligeiro consegue o diploma de fora da lei  
 Sem dinheiro, sem trabalho, sem teto, sem terra, sem nada, falo da vida do povo nada de  
 ideia e de novo...

Planos, mapas, esquemas

O artista Kaninez que sobrevive por meio de suas *fanzines*, poesias e música é pioneiro na atualidade entre a mistura às práticas contraculturais punk e hip hop na música. O *rapper* e anarchopunk, pertencente à comunidade Ceilândia/DF, no ano de 2019 lançou sua música chamada *Crossover hardcore*. O artista cita diversos grupos de rap, bem como grupos de música punk. Em alguns trechos revela a união entre às contraculturas.

[...] Ideologia antifa, postura punk rock  
 Enquanto o rap vive a resistência não morre  
 Nois é cachorro que late e também morde  
 Isso aqui é crossover Hardcore Hip Hop

União da resistência, esse é o 'rôle'  
 Punk e hip hop junto estilo MDB  
 Poeta de rua inspirado em GOG  
 Ecoando minha raiva Gritando HC

Com peita de rap e coleite de rebite

Moicano pra cima e apavorando nos *graffiti*  
 No fone estralando Rage Against The Machine  
 Beastie Boys, Limp Bizkit, e Hatebreed

Realidade é Cruel e vivemos num Total Drama  
 Vi a Face da Morte, tentando sair da lama  
 Eis aqui um anarquista de Consciência Humana  
 Foda-se os imperialistas, seja Trump ou seja o Obama

Não pago pau pra genocida de alto escalão  
 Na luta contra o sistema, os verdadeiros eu sei quem são  
 Muitos querem fazer arte, poucos revolução  
 Muitos *poodle* de apartamento e poucos Ratos de Porão

Ideologia antifa, postura punk rock  
 Enquanto o rap vive a resistência não morre  
 Nois é cachorro que late e também morde  
 Isso aqui é crossover hardcore hip hop

Os b-boy chega dançando, os punx tão pogeando  
 Crossover de punk rock e boom bap pra explodir crânio  
 Som de quebrada pros mano, pros burguês eu to cagando  
 Punk rap da cei não é pros boy cuzão do plano!

Só correria cola no meu time  
 Antifascistas que buscam viver uma VidaxLivre  
 Libertários e libertárias da contracultura  
 E todos sobreviventes rebeldes filhos da rua

Do BO da favela surgiu um Inquérito  
 Os Garoto é Podre e anda com o Olho Seco  
 Batendo cabeça tipo RPW  
 Meu terrorismo é Terror Revolucionário

O punk não morreu e eu acho é esquisito  
 Quando vejo esses ‘papinho’ ai rolando na internet  
 Então se você acha isso já fica ai o aviso  
 Que o punk não só ta vivo, como tá fazendo rap

Ideologia antifa, postura punk rock  
 Enquanto o rap vive a resistência não morre  
 Nois é cachorro que late e também morde  
 Isso aqui é crossover hardcore hip hop

É perceptível que o desenvolvimento e o reconhecimento desses movimentos de contracultura ainda se desenvolvem em países como o Brasil. O preconceito, a discriminação e os demais fatos recorrentes em relação à contracultura são pelo desconhecimento generalizado dessas formas expressivas de arte, música e poesia, por vezes censurada ou pouco acessada na rede.

De acordo com ‘Valo Velho’ “o *underground* assumiu outras características e houve uma nova tomada de consciência por parte da juventude. A liberdade de expressão por meio da rede facilitou a liberdade de crítica e de respostas” (2019, p. 138).

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha ação é recorrente, percebi que é contínuo dia após dia e, em acordo comigo mesma, observei que meus ideais nunca irão se desvincular de minhas raízes e atitude cotidiana como mulher, punk, *rapper* e produtora independente que são pequenos resumos do que eu sou, pois sei que extrapolo estes papéis.

Por um longo tempo me senti arquetizando algo que pouco a pouco, visualizei que não seria possível construir sozinha e por vezes soterrada num pequeno apartamento de 30 m<sup>2</sup> com meu bichinho de estimação, livros e outros símbolos tão importantes para que este trabalho se tornasse real, tornou-se um reencontro comigo mesma e essencialmente um reconhecimento passado de pessoas que com certeza já fizeram parte da minha história. Uma tônica é de que só não sei em que tempo e sei que nem deveria dizer quando, afinal, o tempo é presente e espero estar vivendo-o.

A materialização deste trabalho de conclusão de curso foi projetiva. Muito bem sei que ao usar esta palavra inúmeras percepções podem ser contempladas, no entanto não sou capaz de transmitir o que exatamente gostaria de me referir, pois a experiência foi viva, constante e de inserção completa.

Durante minha pesquisa bibliográfica sobre o anarquismo, pude compartilhar com muitas pessoas um pouco deste conhecimento que ainda estou lapidando. Estabeleci trocas mútuas com muitas pessoas que foram essenciais para que esses conceitos que trouxe à prática: a ação direta, o intercionalismo, a autonomia individual e a autogestão social.

Incrivelmente minha convivência não foi somente com os grupos que desde a pré-adolescência, por volta dos meus 11 anos já tinha proximidade. Um exemplo vivo: minha família, que mesmo sem conhecimento teórico, grandes anarquistas, práticos. Alguns amigos do interior: punk em essência, o visual era de acordo com nossa acessibilidade a informação das grandes capitais e metrópoles. Com tantos limites de informação no meu pequeno município natal, ainda assim houve importantes figuras cosmopolitas, que de alguma forma traziam informações para nós. Viajantes do tempo?

Algo que vejo de forma cômica... colocar em xeque conceitos que já eram verdadeiros para mim, que de alguma forma faziam parte da minha realidade inconsciente. Eu, uma jovem que saiu do interior de Santa Catarina, com algum conhecimento técnico que amigos e profissionais da área que com muito carinho compartilharam comigo; em que minha

família dispendo com os recursos estruturais e financeiros na medida do possível, demonstraram acreditar que seria possível eu realizar algo ‘revolucionário’ na capital. Que perigo!

A respeito disso, mal sabiam eles que eu levaria essa palavra ao pé da letra e em poucas linhas. Pode ser que essa atitude cotidiana, não atinja uma grande massa, mas sabemos da importância de todo o conhecimento, do material, da politização e da ética construídos ao longo desta pesquisa, por vezes referido como utopia por várias pessoas. Felizmente, neste abismo, ao ler um trecho de *A pedagogia do risco*, de Silvio Gallo encontrei que a utopia “não se refere aquilo que não tem e nem nunca terá lugar, mas apenas ao que ainda não teve lugar” (1995, p. 11).

Em companhia de minhas múltiplas vulnerabilidades, optei por uma construção coletiva e comunitária desse trabalho. Convido-lhe que tenha consciência de quem escreve sou eu, mas quem viveu esse trabalho junto de mim são mais de 50 pessoas indiretamente ou diretamente, a importância é igualitária.

Atesto que foi possível comprovar os princípios da teoria-ação anarquista a partir do ‘Contra Método’ de Feyerabend. A conscientização e politização de muitas crianças, jovens, adultos e idosos, e, essencialmente, a popularização das ferramentas de trabalho com a música e percepções técnicas que foram acessibilizadas às comunidades em que estive presente.

Sou feliz por esta realização, fez-me e ainda faz acreditar numa outra forma de viver, em um mundo a parte da destruição de valores humanitários esquecidos pela sociedade, não pelas comunidades.

Mesmo tendo sido um desafio diário em vários sentidos, pude visualizar e vivenciar a realidade das comunidades, ensinar e aprender música, bem outra relação entre eu e a arte. Não fui apenas professora, educadora, musicista, produtora independente, anarchopunk, mulher e rapper. Tive a oportunidade de desenvolver uma ‘pesquisa em campo’ que prefiro me referir como a própria pulsação da vida. Constante, fluída e imprevisível.

De alguma forma tenho a sensação de ter me reintegrado aonde pertencço... À periferia.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. N. **Rap e educação, rap é educação**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- AARÃO, D.; DEMINICIS, R. **História do anarquismo no Brasil**. 1 ed. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.
- CORRÊA, F. P. **Bandeira negra - discutindo o anarquismo**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015.
- CORRÊA, F. P. **Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica**. 275 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Universidade Federal da São Paulo, USP. São Paulo, 2012.
- COSTA, C.T. **O que é anarquismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Como os rapper's de hoje estão ressuscitando o espírito do punk. Disponível em: <http://www.bbc.com/culture/story/20191015-how-todays-rappers-are-resurrecting-the-spirit-of-punk>. Acesso em: 24/01/2020.
- DARBY, D.; SHELBY, T. **Hip hop e a filosofia**. 1. ed. Tradução de: Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006.
- ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 5, 2009, PiauÍ, **Anais...** PiauÍ: EPEUFP 5, 2009, v. 1; Educação popular e resistência político-cultural do movimento hip hop, 2009, PiauÍ: Universidade Federal do PiauÍ, 2009.
- ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CURITIBA, 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EDUCERE 10, 2011. v.2 Princípios da educação anarquista: o orfanato de Prévost, 2011, Curitiba: PUC, 2011.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. Tradução de: Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FERRER, Y G. **A escola moderna**. 1. ed. Tradução de: Diego Giménez. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.
- GALLO, I. C. D'A. Punk: Cultura e Arte, **Varia historia**. Belo Horizonte. vol. 24. nº 40. p. 747 – 770 , 2008.
- GALLO, S. D. O. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas: Papirus, 1995.
- GALLO, S. D. O. Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Política & Trabalho** (UFPB. Impresso), v. 36, p. 169-186, 2012.
- GOMES, S. R. B. G. **Aproximações entre improvisação livre, anarquismo e educação musical**. 115 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Música). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2015.
- GOFFMAN, K; JOY, D. **Counterculture through the ages**. EUA: Villard, 2005.
- HINKEL, J. **A arte de ouvir rap (e de fazer a si mesmo): investigando o processo de apropriação musical**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- JOMINI, R. C. M. **Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha**. Campinas: Pontos, 1990.
- JUNIOR, D. S.; ROSSETI, R. Distorções midiáticas do movimento punk em tempos de autoritarismo político. **Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação** Juiz de Fora, v.9, n.2, p. 01-20, 2015.

- KAMINSKI, L. **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019.
- MAGNANI, S. I. L. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**: Brasiliense, 1982.
- MATTOS, J. R. L; MATTOS, S. M. N. **Em busca de um novo educador para uma nova educação**. UFRJ: Rio de Janeiro. No prelo.
- MICHAELIS. In: Anarquia/Anarquismo. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008, p. 54.
- MORIYON, F. G. **Educação libertária: Bakunin; Kropotkin; Mella; Robin; Faure; Pelloutier**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- NETO, J. C. A. **Educação anarquista x pedagogia libertária: caleidoscópio de uma história - 1880/1930**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2008.
- NORTE, S. A. Q. **Bakunin: sangue, suor e barricadas**. Campinas: Papirus, 1988.
- NOVAES, M. T. **Hip hop, informação e conhecimento: A manifestação cultural da periferia na perspectiva do hibridismo e da centralidade da cultura**. 70 f. Monografia (Graduação em Ciências da Informação e Documentação). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2014.
- PEREIRA, C. M. Os jovens e a contracultura brasileira. **Iara**, São Paulo, vol. 8, nº 2, p- 17-28, 2016.
- PINTO, J. A. A. de S.; SIMON, C. G. B. As relações entre o rap, cidadania e exclusão social. **Afroatitudes**. Londrina, v. 1, p. 1-10, 2006.
- READ, H. **Al diablo con la cultura**. 1 ed. Buenos Aires: Proyección, 2013.
- REGNER, A. C. K. P. Feyerabend e o pluralismo metodológico. **Epistême**, Porto Alegre, v.1, n.2, p. 231 – 247, 1996.
- RODRIGUES, E. **A história do movimento anarquista no Brasil**. 1. ed. Tradução de: Diego Giménez. Piracicaba: São Paulo, 2010.
- SANTOS, F. C. **Da fúria ao som: A maleabilidade das identidades na modernidade e a formação sociocultural do movimento punk na Cidade de São Paulo (1977-1982)**. 48f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.
- TEIXEIRA, L. F. O cultivo da liberdade na Pedagogia de Tosltói. **Revista Educação e Emancipação**, São Luis/MA, v.10, n.1, p. 58 – 75, 2017.
- UEHARA, L. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. **Verve**, São Paulo, v. 18, p. 93-107, 2010.
- VELHO, V. **My way: a periferia de moicano**. São Paulo: Selo Povo, 2019.
- WELLER, W. **Minha voz é tudo que eu tenho: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- WOODCOCK, G. **História das ideias e movimentos anarquistas – vol. 1: A ideia**. Tradução de: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.
- WOODCOCK, G. **História das ideias e movimentos anarquistas – vol. 2: O movimento**. Tradução de: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.

## ANEXOS

### **Análise textual a partir das vivências e do documentário produzido**

Por conviver entre os dois meios, percebi semelhanças entre as contraculturas, inclusive, diferenças. Em entrevista, o punk C comenta ‘somos muito coligados a galera do rap e do hip hop, até mesmo pela estrutura política ser similar’.

Em Agosto de 2019, decidi fazer um voluntariado numa escola de educação livre e consciente no Rio Grande do Sul, escola construída coletivamente, para projeção de alternativas educacionais; auto-cura; desenvolvimento de potencialidades; reconexão com a natureza; reintegração social; conscientização espaço-tempo-geográfica e o aperfeiçoamento das nove inteligências (sob meu ponto de vista), etc.

Visando minha formação complementar como educadora e ser humano, durante 15 dias de intenso trabalho braçal, intelectual e emocional, alguns passos importantes em minha reintegração como ser humano íntegro e minha reeducação social foram reconquistados.

Durante uma troca de saberes entre os voluntários e a educadora A., comentei que o ‘professor não deve ser limitante [...], pois muitas vezes o educando ainda não tem seu criativo desenvolvido’. A educadora comenta que ‘o educando ao adentrar o pensamento mais abstrato, vê-se necessário um desprendimento do educador das convenções para que este explore sua própria liberdade’.

Nesta conversa comento que ‘estamos acostumados a criar expectativa, até mesmo auditiva, julgando a música entre boa e ruim, a partir de convenções e simbologias que não são universais’. Complementei que ‘em processos de alfabetização e musicalização das comunidades vulnerabilizadas que estou inserida, me chamou atenção que em uma de minhas experiências de ensino das notas musicais e em uso da forma de letra serigrafada, meus educandos não sabiam nem mesmo as notas musicais e ainda não tinham visto em lousa a forma de letra que uso’, apontei que ‘é necessário que o educador opte por uma ‘mudança de postura’, atentando a tais vulnerabilidades’.

Neste bate-papo, as pessoas presentes trocaram experiências em suas áreas de atuação e conhecimento. Em grupo pude perceber que há uma convenção social do que seria este educando que compreende a música, infelizmente no ponto de vista de alguns, é aquele que apenas lê partitura e disto, discordo.

A partir de minhas experiências com as comunidades, conclui rapidamente que este ponto de vista é elitizado. Boa parte das crianças, jovens, adultos e até mesmo idosos que tive contato, sequer teve acesso a estes materiais.

O motivo? A educação não formalizada, pouco ou nenhum recurso financeiro, a não acessibilidade ao centro, à falta de profissionais, a falta de bibliotecas, a falta de orientação adequada, adversidades de saúde entre outras barreiras.

Durante os dias vivenciados na cidade-escola, no programa de voluntariado observei e experienciei outras formas de entender e praticar educação. Ao observar voluntários, educadores, crianças e famílias reconectadas com a criança interior e valores humanitários, constatei que essa realidade de acesso ao conhecimento livre, humanizado, etc não poderia estar restrito a um espaço-geográfico.

Essas intensas trocas e até mesmo situações conflitantes com as pessoas que tive contato me proporcionaram perspectivas ainda mais expansivas de como eu queria compartilhar o conhecimento que adquiri com as pessoas, de todo modo, sem a interferência dos processos individuais e primordialmente, desprendida de convenções e juízos de valor.

Após o fim da experiência na cidade-escola, me senti ainda mais preparada para estabelecer contato com os representantes da comunidade do movimento hip hop. Mesmo com as experiências antecedentes que tive em comunidades, precisei de uma vivência que me auto-comprovasse certas percepções individuais.

Há alguns meses eu estava tentando estabelecer esse contato, mas devido minha cautela de compreender que àqueles que são compreendidos como minoria, determinadas abordagens criam barreiras eternas, ainda mais quando relacionado ao racismo, o sexismo, o machismo, a xenofobia e outras formas de discriminação.

Em entrevista, o punk M. cita em entrevista que ‘você ser preto e favelado já é a contracultura ao máximo’. De acordo com o punk B "a contracultura são os movimentos independentes, subversivos que rompem com uma cultura social estabelecida". O punk M cita que “a gente já começa a sentir o preconceito dentro de casa”. O punk T associa que “a contracultura é a arte de rua, a expressão subersiva, a música constetadora, o grito, o batuque”. A punk E comenta que “a galera do anti-música já é uma ‘parada’ forte, com letras distintas... música mais barulhenta”.

Estabeleci minha responsabilidade como pesquisadora e profissional da música, consciente de que eu precisava manter um diálogo saudável para este contato. Se não houvesse desconstruído e revisto minha atitude cotidiana, não teria conseguido essa inserção nas comunidades em que estive.

Considerarei importante, durante o desenvolvimento de minha pesquisa deixar os indivíduos conectados a minha postura como anarchopunk e *rapper*. Foi no município de Almirante Tamandaré, que junto dos *hip hoppers* e essencialmente os *rappers*, as oficinas foram realizadas, um pequeno grupo que não estava restrito a um espaço geográfico estático. Em dado momento num espaço público, outros em batalhas de rap, vídeo-chamada e etc.

Tomando esse ponto de partida, inicio minha discussão relacionada aos conceitos analisados e a teoria analisada em meu trabalho anteriormente citado. O primeiro conceito que trago à discussão é o da autonomia individual. A dinâmica era de que como professora de música, mas essencialmente como educadora eu fosse capaz de compartilhar conteúdos teóricos e práticos de forma que estes educandos não me vissem em posição de hierarquia e de que buscassem por si só motivação de aprendizado.

Como já me considerava parte deste movimento de contracultura, observou-se que muitas pessoas já faziam parte dos núcleos em que eu frequentava, mas, minha preocupação de me inserir na comunidade e nos movimentos culturais que já estavam acontecendo, foi sempre visando formas em que eu não atrapalhasse as estruturas e organização em que os mesmos já haviam construído.

Minha percepção conectou-se ao ponto de vista de Richard Shusterman que “se o rap tem uma metafísica subjacente, é a de que a realidade é um campo de mudança e fluxo em vez de uma permanência estática” (2006, p. 67).

Seria impossível inserir-me em qualquer comunidade sem esta percepção clara de que a mudança político-social não seria algo que eu teria condição de exigir destas comunidades, quem teria de se adequar era eu mesma.

É importante compreender que esse achatamento da história das comunidades urbanas, latinas e negras tem sido a cada passo uma luta que ainda tem deixado muitos em memória e que esse reconhecimento de que a história não tem os beneficiado com respeito à suas culturas, demonstra que o hip hop é um legado e importante ponto para que esta história seja reescrita.

A comunidade em que estive inserida em Almirante Tamandaré/PR, ao estabelecer contato comigo me demonstrou que minha percepção novamente estava seguindo lógica linear. Aos que se tornaram meus educandos receber uma pessoa externa da realidade vivenciada pelos mesmos, pronunciar que apenas em fins de pesquisa científica e documental eu gostaria de compartilhar todo conhecimento adquirido ao longo de cinco anos de universidade, os deixou impactados.

Em primeiro momento propus que precisava fazer alguns registros de suas batalhas de rap, entrevistá-los e oferecer oficinas de produção musical, envolvendo múltiplas áreas do

conhecimento concernentes à música, sob meu ponto de vista. O resultado deste diálogo? Estranhamento.

Do ponto de vista dos meus educandos, não fazia sentido algum uma pessoa sair do meio universitário e de intensa produção teórica, para vivenciar uma experiência prática e de construção coletiva. Diante disto, dois outros conceitos da teoria-ação anarquista tornaram-se realidade, o da ação direta e o da autogestão.

Esses conceitos tomaram forma no sentido em que a ação direta foi contemplada ao me inserir na comunidade visando contribuir intelectualmente e de maneira prática com os educandos, observando que em suas batalhas de rap e demais atividades “pela ação direta organizam as festas de rua e eventos que visam à conscientização diante dos problemas que atingem a periferia” (ANDRADE; SILVA, 1999, p. 33).

Em uma das oficinas foi proposto que fizéssemos uma roda de partilha e os questioneei sobre como esses educandos tomaram contato com a arte musical e o rap. Os mesmos me afirmaram que estabeleceram este contato com a arte por meio da televisão e mais tarde pela internet, bem como pelo compartilhar entre eles músicas que conheciam.

Essa perspectiva dos educandos do compartilhamento dos saberes musicais me atestou veracidade de que, de acordo com Milton Novaes, “se o rap é um dos gêneros musicais do contra-discurso, os *rappers* entre outros membros, quando são inseridos nos debates sociais, assumem essa característica de contestação e passam a buscar soluções alternativas que visam atender a comunidade que representam” (NOVAES, 2014, p. 59).

Foi bastante impressionante ouvir destes educandos um vasto conhecimento da história da música e até mesmo os mesmos ressaltando a importância de Beethoven à liberdade expressiva e da produção musical.

Percebi que não é como afirmam em muitas produções acadêmicas ou em senso comum que estas comunidades não desenvolvem conhecimento, a diferença é de que essa construção é autônoma e cooperativa.

Em relação à autogestão social, esse grupo de jovens já se organizava com equipamentos e demais recursos necessários para realização de seus eventos. Muitas vezes em coletivo realizavam ações para captação de recursos entre eles para poderem investir em equipamentos e também para fins logísticos, tendo em vista a continuidade de seus eventos.

Assim como pressuposto por Elaine Nunes de Andrade, observei que

o ‘baile’ para o jovem negro é um espaço fundamental de afirmação da sua identidade, mais do que um simples espaço de sociabilidade juvenil – não é o simples fato de estar com seus iguais de idade, mas sim o de estar com os seus iguais em etnia, que vivenciam no seu cotidiano as mesmas dificuldades econômicas e sociais (1999, p. 88).

Um pequeno grupo que contava com *rappers*, mestres de cerimônia, produtores independentes foi observado por mim como representante deste movimento em Almirante Tamandaré/PR.

O educando K. apontou que ‘a responsabilidade do M.C é passar uma ‘visão’ à comunidade, tendo responsabilidade em suas palavras’. Ao fim desta partilha, incentivei os educandos para que iniciassem suas produções individuais a partir das reflexões que tivemos.

Dado o ponto de partida, foram realizadas as batalhas de rap que já vinham organizando. Os jovens me afirmaram que dificilmente as meninas batalhavam quando e quando estavam presentes, as mesmas vinham em coletivo para desafiá-los.

Mesmo que eu estivesse em papel de educadora, considerei importante me inserir na realidade de suas batalhas de rap. Diante dessa circunstância, percebi que fui capaz de romper uma estrutura de gênero imposta inconscientemente a respeito das mulheres, pois eu estive sozinha em maioria das batalhas. Foram barreiras rompidas que abriram discussões para os jovens repensarem suas atitudes como rimadores homens e potencialmente poderem reproduzir estigmas machistas e patriarcais.

Em entrevista, de acordo com P. ‘o rap é um cenário muito masculinizado e machista [...] infelizmente a gente convive com um ambiente meio difícil para as mulheres’

A M.C M comentou que ‘independente das opressões eu estou aqui, e estou vendo outras mulheres sendo muito fortes, quero sempre estar aqui para dar força para elas’.

A MC F analisou que ‘ser mulher às vezes favorece e às vezes desfavorece’ o que favorece é de que as mina tão metendo a cara... a parte que desfavorece é que muitas vezes os mano só vem atrapalhar”.

Pouco a pouco me aproximando destes jovens, percebi que suas barreiras eram uma espécie de autodefesa, algo imposto pela própria dinâmica da sociedade. Problemas estruturais, racismo e outras formas de discriminação mantêm essas comunidades muitas vezes limitadas ao acesso de conhecimento e até mesmo indivíduos que demonstram não compreender suas realidades. A produtora musical independente P em entrevista: “Eu por exemplo aprendi o que é contracultura com vocês e nós somos o mesmo movimento”

O punk B atestou que “a sociedade muitas vezes por não conhecer nossa cultura, julga a gente por nosso visual, acusando a gente como criminoso’. Sua ideia converge com a do MC Z, que afirmou que “as pessoas acusam a gente como bandido, como zé droguinha’...

Acompanhei todos os movimentos que me foram possíveis estar presente, registrando vídeos das batalhas, produzindo músicas, compartilhando e criando conhecimento junto aos *hip hoppers* e punks.

O DJBK12 em entrevista comenta que “a contracultura é uma forma de cultura que faz um contraponto a cultura de massa, popular, a cultura industrializada. Uma coisa como uma cultura *underground*, que faz um contraponto ao *mainstream*, em que no final dos anos 70 e início dos anos 80 começou essa indústria de cultura de massa, onde os gostos e preferências das pessoas foram direcionados de acordo com valores comerciais”.

Impossível deixar em esquecimento que tive a grande alegria de receber a notícia que muitos desses jovens que estiveram evadidos da escola, retornaram as suas atividades escolares, um objetivo que inicialmente não tinha pensado ser possível que acontecesse.

Em uma batalha de rap, o MC A, em rima improvisada disse ao outro MC: ‘você falou que eu fugi da escola parceiro, mas agora eu vou mostrar que você é uma sobra. Claro que eu fugi da escola meu parceiro, eu não quero ser só mais um daqueles que vai virar massa de manobra’. É possível observar que nesta rima o MC está indignado com o sistema estrutural que vem enfrentando na escola e de que não está em concordância com questões que ferem seu individual.

Em nossas oficinas, que foram organizadas de forma espontânea, conheci de perto a realidade destes jovens, fui à residência de alguns deles produzir material, entrevistá-los e conhecer um pouco melhor de seu dia-a-dia. Fui surpreendida por sua dedicação a um sonho de se tornarem figuras importantes à comunidade e principalmente às crianças por meio da música e da poesia.

Grande parte dos jovens que participaram desses movimentos educacionais não formalizados já produzia material ou estava iniciando sua produção independente.

Um destes educandos teve uma aula por vídeo-chamada comigo para realizar a instalação da plataforma que estávamos utilizando para produzir música. Algumas semanas depois, estava acompanhando suas redes sociais e vi que já estava produzindo músicas e inclusive comercializando-as.

Nesse sentido, mais uma vez a autogestão foi eficaz, a partir da autonomia individual. Comprovando de que de acordo com Rosenverk Santos, os elementos do hip hop

música (rap), dança (*break*) e pintura (grafite), além de potenciais instrumentos de lazer e produção artística, constituem-se meios de conscientização contra a violência e marginalização e têm, paralelamente, contribuído no processo de profissionalização de milhares de pessoas que estão produzindo os mais diversos artefatos ligados ao hip hop tais como: camisetas, revistas, CD's, bonés, fitas de vídeo, etc., que a cada dia tornam-se mais requisitados por jovens não apenas da periferia, mas de todas as classes sociais (2009, p. 1).

Em paralelo a essas atividades, estava colocando em prática mais um conceito da teoria- ação anarquista, o interacionalismo. Acredito que já estava praticando-o ao me locomover do município de Curitiba/PR para Almirante Tamandaré/PR. Mesmo que o

município de Curitiba/PR conte com transporte público até a região, existem muitas localidades que não tem acesso algum a outras localidades, sendo assim, muitas vezes, possível de acessar essas regiões somente de carro ou meios de transporte alternativos.

De todo modo, considerei isto insuficiente, eu tinha que envolver mais pessoas. Portanto, tive a ideia de começar a produzir um documentário em que eu juntasse as duas contraculturas que convivo. Após ter concluído que o documentário seria a melhor maneira dos dois grupos exporem seus ideais, dúvidas, inquietações e pontos de vista. Diante disto, iniciei uma série de entrevistas paralelas entre os dois grupos anteriormente citados, *hip hoppers* e punks.

Os trechos citados, preservando as identidades dos entrevistados, serviram como uma espécie de observação popular das perguntas que responderam. Ao não se preocuparem entre a distinção de estarem certos ou errados em suas respostas, percebi que foram capazes em saber popular, ou, como preferem chamar, em sua filosofia de rua. Quase que todas as respostas estavam em sintonia com o que eu vinha observando a partir de leituras bibliográficas.

Após ter terminado a série de entrevistas, apresentei este documentário na X Feira Anarquista de São Paulo, onde conheci algumas pessoas, inclusive o co-fundador do Movimento Anarchopunk brasileiro, onde conheci uma importante figura às periferias de São Paulo, 'Valo Velho'.

Fui acolhida em sua residência e divulguei meu trabalho nas periferias de Capão Redondo/SP e por surpresa, estive observando que o reconhecimento mútuo entre punks e *hip hoppers* já era existente. Depois de tanto tempo observando de forma solitária as convergências entre os movimentos e uma vivência anarchopunk um tanto que solitária, tive a oportunidade de ter novas percepções.

O que marcou o fim de minha experiência ocorreu no dia 24 de Novembro de 2019, na periferia de Capão Redondo, em São Paulo. Estive presente na Marcha da Periferia, um ato público contra o genocídio dos povos negros, indígenas e o encarceramento em massa. Nesta manifestação observei esse reconhecimento entre os movimentos de contracultura.

Vi novamente a autogestão, o interacionalismo, a autonomia e ação direta posta à prática. Um pequeno grupo representando a contracultura e subcultura punk junto de capoeiristas, feministas, *hip hoppers*, LGBTQI+, mestres de cerimônia, movimentos populares, movimentos partidários, a resistência negra, ativistas pela libertação animal e a comunidade em geral articulada pelo bem comum. Houve muita música, acesso à cultura, a arte, a alimentação, a conscientização e o reconhecimento entre os pertencentes à mesma realidade, etc.